



**UNIRIO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
ESTADO DO RIO DE JANEIRO

**GUIA DE FONTES  
SOBRE RELATOS DA  
PARTICIPAÇÃO DE  
MULHERES EM ESPORTES  
NO CONTEXTO BRASILEIRO**

2024

Versão 01



**UNIRIO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
ESTADO DO RIO DE JANEIRO

# GUIA DE FONTES SOBRE RELATOS DA PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM ESPORTES NO CONTEXTO BRASILEIRO

Pesquisa produzida no âmbito do  
Projeto Extensionista Interinstitucional  
“Escola de Campeões”.

2024

Versão 01



# Guia de fontes sobre relatos da participação de mulheres em esportes no contexto brasileiro

---

## Ficha técnica

### Organizadoras

Fabiana da Costa Ferraz Patueli Lima

Patrícia Machado Goulart França

Thayane Vicente Vam de Berg

Landi Veivi Guillermo Costilla

### Equipe de elaboração

Coordenadora Acadêmica Fabiana da Costa Ferraz Patueli Lima; Pesquisadoras Patrícia Machado Goulart França e Thayane Vicente Vam de Berg; Discentes de Pós-Graduação Alice Veridiana de Sousa, Daniel Ramalho de Souza Pereira, Milena de Souza Martins; Discentes de Graduação Gustavo Alex Farias do Carmo, Jacqueline Ferreira da Silva, Juliana Barreto Avelino da Silva e Leonardo da Silva Vieira.

### Equipe de revisão

Pesquisadoras Patrícia Machado Goulart França, Thayane Vicente Vam de Berg e Landi Veivi Guillermo Costilla; Discente de Pós-Graduação Fabiana Nogueira de Oliveira; Discentes de Graduação Andressa Guedes Silva Fernandes, Ingrid Northfleet Meister e Yumi Ferreira Saka.

### Realização

Ministério da Educação

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio)

Núcleo Institucional de Projetos (Nuinp/Unirio)

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROExC/Unirio)

Instituto Realizando o Futuro (IRF).

### Controle de versão

Versão 01, de 08 de novembro de 2024.

**ISBN 978-65-86694-23-9**

U58 Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.  
Guia de fontes sobre relatos da participação de mulheres em esportes no contexto brasileiro / Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; organizadora Fabiana da Costa Ferraz Patueli Lima ... [et al.]. – Rio de Janeiro : UNIRIO : Instituto Realizando Futuro, 2024.

1 E-book (74 p.): il.

Produzida no âmbito do Projeto Extensionista Interinstitucional “Escola de Campeões”

1. Esportes para mulheres. 2. Guias de fontes de informação.  
I. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. II. Instituto Realizando Futuro. III. Lima, Fabiana da Costa Ferraz Patueli, org.  
IV. Título.

CDD – 796.08

## **RESUMO:**

O presente guia é um resultado de pesquisa descritiva baseada em levantamento bibliográfico sobre a participação de mulheres no esporte no Brasil realizada em buscadores de pesquisa na Internet, incluindo o Google Acadêmico e bases de dados de universidades, que geraram dados quantitativos e qualitativos acerca da temática. A partir do levantamento bibliográfico sobre as pesquisas voltadas especialmente sobre os relatos da participação feminina no país, elaboramos um resumo crítico de cada fonte para melhor orientar o leitor do presente Guia. Assim, o **Guia de Relatos da participação de mulheres em esportes no contexto brasileiro** traz à luz as fontes bibliográficas sobre o tema que trazem as mulheres como protagonistas no esporte em um país que impediu por quatro décadas as práticas e competições de mulheres em muitas modalidades esportivas em razão de seu aporte físico.

**Palavras-chave:** mulheres; esporte; Brasil; guia de fontes.

## **ABSTRACT:**

This guide is a result of research on the participation of women in sport in Brazil in Internet search engines, including Google Scholar and university databases. Based on the bibliographical survey of research focused especially on reports of female participation in the country, a critical summary of each source was prepared to better guide the reader of this Guide. Thus, **the Reporting guide on women's participation in sports in the Brazilian context** brings to light the bibliographic sources on the subject that bring women as protagonists in sport in a country that prevented women from practicing and competing in many sports for almost four decades. sports due to their physical contribution.

**Keywords:** women; sport; Brazil; guide.

**LISTA DE GRÁFICOS:**

Gráfico 1: Fontes de pesquisa por veículo de comunicação.....	8
Gráfico 2: Fontes de pesquisa por assunto principal.....	9

**SUMÁRIO:**

<b>1. INTRODUÇÃO:</b> .....	<b>6</b>
<b>2. METODOLOGIA:</b> .....	<b>8</b>
<b>3. FONTES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NO ESPORTE:</b> .....	<b>11</b>
<b>3.1 RESUMO DE FONTES POR SOBRENOME DO AUTOR:</b> .....	<b>11</b>
<b>3.2 FONTES POR EIXO TEMÁTICO:</b> .....	<b>55</b>
<b>3.2.1 Trajetória:</b> .....	<b>55</b>
<b>3.2.2 Corporalidade:</b> .....	<b>58</b>
<b>3.2.3 Inclusão de pessoa com deficiência:</b> .....	<b>58</b>
<b>3.2.4 Inclusão da pessoa LGBTQIAPN+:</b> .....	<b>58</b>
<b>3.2.5 Inclusão étnica:</b> .....	<b>59</b>
<b>3.3 FONTES POR VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO:</b> .....	<b>59</b>
<b>3.3.1 Dissertação:</b> .....	<b>59</b>
<b>3.3.2 Documento proveniente de organismos nacionais e internacionais:</b> .....	<b>59</b>
<b>3.3.3 Monografia:</b> .....	<b>60</b>
<b>3.3.4 Livros:</b> .....	<b>60</b>
<b>3.3.5 Revista /Jornal/Anais:</b> .....	<b>61</b>
<b>3.3.5.1 Diversos:</b> .....	<b>61</b>
<b>3.3.5.2 Esportes e educação física:</b> .....	<b>61</b>
<b>3.3.5.3 Estudos sobre gênero:</b> .....	<b>62</b>
<b>3.3.6 Tese:</b> .....	<b>63</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:</b> .....	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS:</b> .....	<b>65</b>
<b>ÍNDICE:</b> .....	<b>71</b>

## **1. INTRODUÇÃO:**

A presente pesquisa se debruçou sobre as fontes bibliográficas que trouxessem relatos da participação de mulheres em esportes no país, a fim de constatar por meio de uma amostragem as formas de tratamento do tema, bem como as mídias a que se vinculavam. Por isso foram triados quarenta e quatro textos, de 1978 a 2024, que demonstram conexão com o percurso de mulheres no esporte, da performance do corpo feminino no esporte, bem como os aspectos de inclusão da pessoa com deficiência e da mulher negra em atividades esportivas.

**E porquê relatos?** Os relatos são discursos que resguardam a perspectiva do narrador/pesquisador permeando entre fatos históricos e afetos. Assim, os relatos frequentemente de forma mais simples e breves narram fatos do cotidiano e de que nos afeta diretamente, por isso de forma singular trazem exemplos sobre as suas propostas de estudo ou de questionamentos seja sobre a realidade ou em relação à história pretérita.

Não há pouco tempo, as narrativas figuravam um posto menos científico ou de certezas, a História muitas das vezes em confluência com o exercício literário, teciam verdadeiros altares, banquetes e guerras épicas. Assim como a Literatura que era e é capaz de trazer em suas tramas aspectos vívidos da história a que nos reconhecemos seja como coadjuvantes ou com personagens principais. Pois,

Pensando em literatura e no modo pelo qual o texto literário se diferencia de outros textos, inclusive do texto histórico, percebe-se que a literatura pode conter relatos de passados reprimidos, esquecidos ou tido como insignificantes. E é essa aproximação com a realidade que faz com que o leitor interprete o texto de várias maneiras (TURRA, [s.d.], p. 2).

Diante desse contexto e do tema que diz respeito à minoria de gênero e a quem se reconhece com o mesmo, de forma a contemplar outras reflexões também minoritárias; logo, fora do padrão homem-hétero-branco normativo. Assim, os relatos, bem como as pesquisas que se debruçam sobre os questionamentos, as resistências e o cenário de proibição, podem assumir um importante meio de reconfiguração de espaços de debate e

---

veiculação de narrativas. Essa característica deste tipo de abordagem se torna imprescindível já que a história dos esportes no país nos traz um lapso sobre a participação de mulheres devido aos eventos sociais de proibição de práticas e competições de mulheres nos esportes.

Oficialmente, no Brasil, o Decreto-Lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941, que estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país, consolidava em seus dispositivos as práticas proibitivas para as mulheres no esporte já inseridas socialmente. Acontece que no país, antes mesmo de tal Decreto-Lei, a polícia intervinha em competições esportivas agenciadas com as mulheres que praticavam o futebol, por exemplo. Por isso, no dispositivo legislativo vinha: “Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (Brasil. Decreto-Lei n. 3.199, 14 abr. 1941).

Este cenário persistiu por muito tempo, já que a Deliberação n. 7 do Conselho Nacional de Desportos (CND), de 7 de agosto de 1965, ratificou a proibição:

[...] não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, rugby, halterofilismo e base-ball, e que, ítem 4, "no caso de desporto que não seja dirigido por entidade internacional, a dirigente no Brasil deverá solicitar ao C. N. D. a devida autorização para que possa ser praticado por mulheres (CPI DA MULHER, v.1, 1978, p. 164).

A revogação desta deliberação aconteceu em 1979, todavia o amparo das mulheres só veio em 1983, quando o Conselho Nacional de Desporto autoriza a prática de mulheres e define suas regras. Mas, isso não se trata de uma concessão às mulheres, mas a consolidação da luta por seus direitos após uma proibição de mais de 38 anos, tendo em vista a pesquisa de **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista**: entre a proibição e a regulamentação (1941-1983) (Silva, 2015).



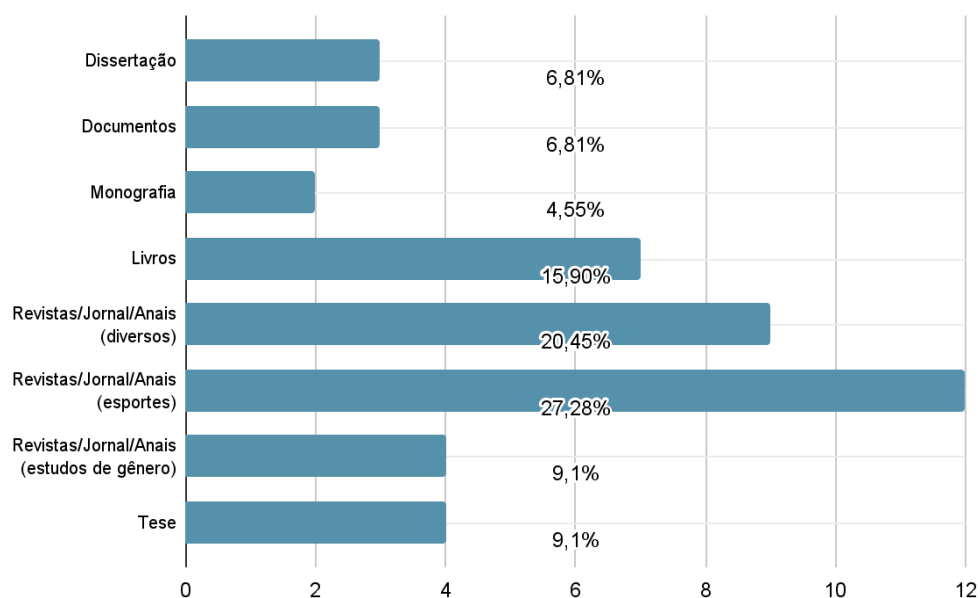
## 2. METODOLOGIA:

A pesquisa sobre o relato da participação de mulheres em esportes no contexto brasileiro pretendeu por meio de leitura e levantamento bibliográfico realizado junto a buscadores da Internet e do *Google Acadêmico*, além de banco de dados de instituições de ensino, verificar os principais perspectivas acerca do tema e, em razão disso, consolidou os dados neste Guia de fontes sobre estudos relacionados à participação de mulheres no esporte.

Para tal foram realizadas as leituras de artigos científicos, monografias, teses e dissertações de Pós-Graduação e de livros, tendo em vista os relatos sobre a participação de mulheres em esportes e o contexto brasileiro.

Assim, a partir de um levantamento e leitura, pode-se dividir as fontes pelos seguintes eixos:

- **Eixo por veículo de comunicação:** dissertação; monografia; livros; revista/jornal/anais de assunto diversos, esportes e educação física, estudos sobre gênero); e tese.

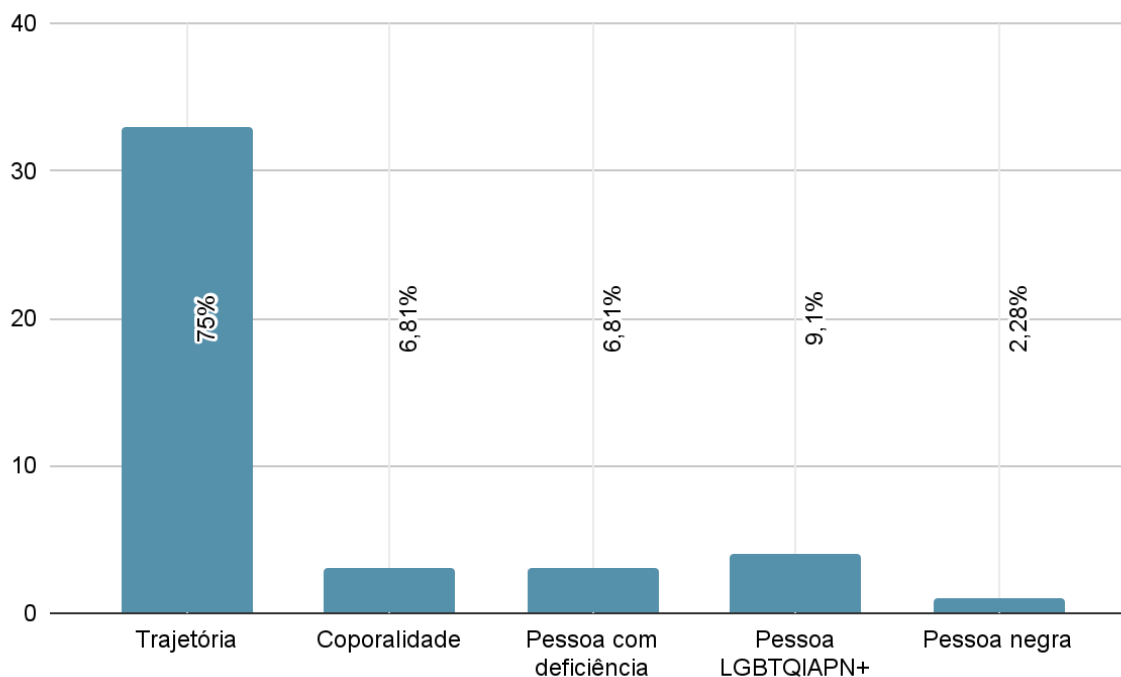


**Gráfico 1:** Fontes de pesquisa por veículo de comunicação.

**Audiodescrição:** Gráfico em barras retangulares horizontais empilhadas na cor azul no fundo branco. As descrições em preto, à esquerda, de itens e, à direita, o percentual dos itens sobre a gradação numérica 0, 2, 4, 6, 8, 10 e 12. Item 1, Dissertação com 6,81 por cento. Item 2, Documentos com 6,81

por cento. Item 3, Monografia com 4,55 por cento. Item 4, Livros com 15,90 por cento. Item 5, Revista/jornal/anais de assuntos diversos com 20,45 por cento. Item 6, Revista/jornal/anais de esportes e educação física com 27,28 por cento. Item 7, Revista/jornal/anais de estudos sobre gênero com 9,1 por cento. Item 8, Tese com 9,1 por cento. **Fim da descrição.**

- **Eixo temático:** trajetória; corporalidade; inclusão de pessoa com deficiência; inclusão de pessoa LGBTQUIAPN+; inclusão étnica.



**Gráfico 2:** Fontes de pesquisa por assunto principal.

**Audiodescrição:** Gráfico em barras retangulares verticais na cor azul no fundo branco. As descrições em preto: os itens na base, o percentual dos itens na parte superior e, à esquerda, a gradação numérica 0, 10, 20 e 30. Item 1, Trajetória com 75 por cento. Item 2, Coporalidade com 6,81 por cento. Item 3, Pessoa com deficiência com 6,81 por cento. Item 4, Pessoa LGBTQUIAPN+ com 9,1 por cento. Item 5, Pessoa negra com 2,28 por cento. **Fim da descrição.**

Com a respectiva estratificação, especialmente em eixo temáticos, foi possível entender melhor os principais assuntos que regem as pesquisas sobre o tema, seja no país ou no exterior.

Para melhor apresentar as fontes foi elaborado um resumo crítico em que se pretendeu salientar os aspectos sobre a participação feminina no contexto brasileiro. Desta forma, a primeira entrada de apresentação das fontes seguem a ordem alfabética dos sobrenomes de seus autores acompanhados de seus respectivos títulos e resumos e, após, os títulos serão subdivididos por eixos temáticos e por veículos de comunicação. As

---

referências completas estarão disponíveis na seção de referências, mas as obras que tiverem disponíveis na Internet no momento da pesquisa poderão ser acessadas por meio de *links* inseridos em seus respectivos títulos.

Com isso, o presente Guia almeja se tornar uma referência sobre os respectivos estudos sobre a participação de mulheres em esportes sob diferentes aspectos, a fim de melhor enriquecer as pesquisas vindouras, além de trazer à luz a importância de tais pesquisas e narrativas na protagonização de mulheres em sua participação em esportes no país.

---

### 3. FONTES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NO ESPORTE:

As fontes bibliográficas levantadas para compor o presente Guia serão apresentadas primeiramente por ordem alfabética do sobrenome do autor(es) e das autora(s). E para melhor orientar o leitor, dispor-se-ão os respectivos resumos críticos realizados acerca da obra no que tange os relatos da participação de mulheres em esportes no contexto do país. Depois seguirão agrupadas por eixo temático e por veículo de comunicação, contribuindo complementarmente para a pesquisa de fontes realizada pelo usuário do presente Guia.

#### 3.1 RESUMO DE FONTES POR SOBRENOME DO AUTOR:

[ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina \(2003\).](#)

**Resumo:** O artigo destaca como a participação das mulheres nos esportes contribui para uma re-significação da corporalidade feminina e enfatiza a ideia de Susan Brownmiller, para quem a feminilidade representa, uma “estética da limitação”. Também, considera noções de gênero e corporalidade advindas particularmente da produção recente de Susan Bordo e Judith Butler, identificando mudanças nas práticas e representações do corpo feminino que decorrem da atividade esportiva. A autora comenta que antigamente, as mulheres eram vistas apenas como reprodutoras, em que a elegância e a delicadeza eram os atributos valorizados e as atividades físicas eram consentidas de acordo com a natureza fraca do corpo e do sistema reprodutivo femininos. No entanto, no início do século XX, de maneira tímida, inicia-se uma nova abordagem acerca do bem-estar físico das mulheres e, a partir disso, foram permitidas algumas formas de atividade esportiva e exercícios físicos leves que foram considerados como benéficos para a saúde das futuras mães e esposas. Contudo, alguns esportes poderiam ser praticados apenas por mulheres jovens e solteiras, como natação, por exemplo. Porém, à medida que essa ‘nova mulher’ – dinâmica e autossuficiente – emergia nos EUA e na Europa, a elite urbana brasileira começa a ser influenciada, tendo em vista os laços étnicos e culturais que mantinha com esses países. Adelman, também examina em detalhes os processos atuais da construção de corpos femininos, tanto no sentido de práticas corporais (regimes exaustivos de exercício, dieta, cirurgias cosméticas) ligadas à fantasia do ‘aperfeiçoamento’ do corpo, segundo padrões estabelecidos de beleza, e preocupações às vezes em proporções obsessivas, com a aparência, imposto por uma indústria cultural que sustenta a cultura do narcisismo. A autora, apoia suas reflexões nos depoimentos de atletas

---

brasileiras profissionais, algumas praticantes do hipismo, que é considerado um esporte de elite e, outras, do vôlei, um esporte mais popular. Além disso, avalia imagens culturais de atletas, veiculadas nos meios de comunicação. Por último, comenta sobre pesquisas de campo que mostram como as atletas de fato participam da “desconstrução” de alguns elementos da mencionada “estética da limitação”, e como continuam em uma cultura na qual a atividade esportiva das mulheres pode ‘comprometer a feminilidade’ da atleta.

[ALVES, Catarina Messias; SOUZA, Vania de Fátima M. de. Da medalha ao pódio da vida: a construção da identidade e representatividade da mulher negra no esporte \(2024\).](#)

**Resumo:** No contexto atual da pesquisa, colocou-se em cena a utilização de materiais cinematográficos para ajudar as práticas pedagógicas ao abordarem temas de identidade, representatividade e trajetória da história da população negra, que provoquem o repensar da formação humana, com o propósito de promover o reconhecimento e a valorização da diversidade, superando as desigualdades étnico-raciais encontradas na Educação do Brasil. Adiante, este estudo procurou apontar as ações para legitimar a Lei n. 10.636/2003 na educação básica, e versar suas especificidades de forma didática, com a ideia de motivar o imaginário das pessoas e a visibilidade da mulher negra na sociedade. Essa pesquisa teve como objetivo observar o desempenho da mulher negra no esporte, por meio do filme “As campeãs”, e usar como exemplo, as experiências vividas no filme relacionando-as à Lei 10.639/2003, nas aulas de educação básica. Um ponto apreciado foi que na escola e nos documentos oficiais como as Diretrizes Curriculares Nacionais versam sobre as diferenças raciais, quando sinalizam que a educação deve respeitar a diversidade e fomentar equidade. Historicamente, a imagem da mulher configura um espaço de luta constante na conquista por lugares de pertencimento no mundo dos esportes, haja vista, trazer a sua história durante séculos, uma cena de mulher como mercadoria no imaginário social, vinculada a lugares subjugados por uma sociedade patriarcalista, escravizada em contextos nas lavouras, nas ruas, nas casas de patrões, que aumentam a invisibilidade e os estereótipos da mulher negra, em especial. Do ponto de vista crítico: foi muito relevante implantar pedagogicamente a Lei 10.639/2003 nas atividades, visto que, esta lei determina o ensino de "história e cultura afro-brasileira" nas escolas, e marca o dia 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra no calendário escolar, corroborando as ideias e pensamentos antirracistas e a valorização da mulher negra na sociedade. In suma, a menção a legislação é uma resposta ao colocado na

---

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), significou um marco para o movimento negro e suas trajetórias de invisibilidade. Como mencionado essa intenção, ameniza um conflito social, contendo seus grupos étnicos divergentes, além do que, os estigmas que rodeiam a história dessas mulheres conversam com a resistência e persistência contra as desigualdades geradas pela hegemonia masculina. O filme contribui de maneira positiva para uma visibilidade sobre a mulher negra inserida em um lugar de pertencimento e resistência por meio da prática esportiva.

[ALVES, Isabella dos S. A trajetória de mulheres paralímpicas brasileiras a partir dos estudos feministas da deficiência \(2024\).](#)

**Resumo:** A análise se aprofunda nas experiências de atletas brasileiras no contexto dos Jogos Paralímpicos, utilizando como base teórica os estudos feministas da deficiência, integrando perspectivas feministas e de deficiência para explorar as interseções entre gênero, corpo e sociedade. Primordialmente, é situando a importância histórica e social do movimento paralímpico, destacando as conquistas e desafios enfrentados pelas atletas brasileiras, com uma abordagem qualitativa, combinando entrevistas, análise documental e observação participante para captar as trajetórias pessoais e esportivas dessas mulheres, enfatizando a dupla marginalização enfrentada pelas mulheres com deficiência, que frequentemente encontram barreiras tanto no contexto do esporte quanto na sociedade em geral, discutindo como os preconceitos de gênero e as concepções capacitistas afetam as oportunidades e o reconhecimento das atletas paralímpicas, revelando as lutas diárias por igualdade. A partir dos relatos das próprias atletas, é examinado as motivações, dificuldades e estratégias de resistência que caracterizam suas trajetórias. Ela destaca o papel crucial do apoio familiar e comunitário no desenvolvimento das carreiras esportivas dessas mulheres. Além disso, se explora as políticas públicas e os programas de incentivo ao esporte paralímpico no Brasil, avaliando sua eficácia e limitações, também se tece uma análise crítica das representações midiáticas das mulheres paralímpicas, argumentando que apesar de algumas conquistas, a mídia ainda retrata essas atletas de maneira estereotipada e superficial, muitas vezes reforçando narrativas de superação pessoal em detrimento de uma abordagem mais complexa. O impacto psicológico e emocional da participação em competições de alto nível também é discutido, abordando questões de autoestima, identidade e reconhecimento, se fazendo a necessidade de suporte psicológico especializado para as atletas paralímpicas, que

---

enfrentam pressões únicas em comparação às atletas sem deficiência. Portanto, a pesquisa defende uma abordagem interseccional para apoiar as mulheres paralímpicas, que leve em conta as múltiplas camadas de identidade e opressão que moldam suas vidas, propondo recomendações para políticas mais inclusivas e práticas educacionais que promovam a valorização da diversidade no esporte, iluminando as complexas realidades dessas brasileiras e propondo caminhos para uma inclusão mais efetiva.

[BARREIRA, Cristiano R. A.; OLIVEIRA, Marcelo Alberto de; TELLES, Thabata C. B. Mulheres brasileiras nos esportes de combate Olímpicos: uma discussão através das histórias de vida \(2021\).](#)

**Resumo:** As barreiras sociais e culturais impactaram, e ainda impactam, a presença feminina nos esportes de combate. Apesar das dificuldades enfrentadas pelas atletas, observam-se mudanças progressivas ao longo das décadas. Desde a inclusão inicial de mulheres nos Jogos Olímpicos em 1932, com Maria Lenk, a participação feminina no esporte no Brasil evoluiu, mas enfrentou desafios persistentes. A conquista de medalhas olímpicas por mulheres brasileiras só ocorreu a partir de 1996, o que trouxe maior visibilidade e reconhecimento para essas atletas. O artigo destaca que as mulheres enfrentam um "duplo desafio" ao serem esportistas em um país onde o esporte é frequentemente associado a estereótipos e preconceitos. Além disso, o campo dos esportes de combate olímpicos, como o judô, o boxe, a luta olímpica, a esgrima, o taekwondo e, mais recentemente, o karate, é particularmente emblemático dessa luta. Estes esportes, tradicionalmente masculinos e frequentemente associados à virilidade e ao poder físico, apresentam barreiras adicionais para as mulheres, tanto na prática quanto na administração. A entrada das mulheres em modalidades como o MMA (Mixed Martial Arts), que começou a incluir competições femininas apenas em 2013, exemplifica como o preconceito pode retardar a inclusão e o reconhecimento das atletas. Mesmo na administração de esportes de combate, as mulheres raramente ocupam cargos de liderança, o que evidencia uma desigualdade estrutural que perpetua a discriminação. A transformação dos papéis de gênero e a crescente presença feminina nos esportes refletem uma resignificação da virilidade e do poder físico, agora compartilhados com as mulheres. Contudo, a permanência de discursos discriminatórios e a persistência de desafios para as atletas indicam que a luta pela igualdade de gênero no esporte ainda está

---

longe de ser concluída. Para que tais realidades sejam transformadas no âmbito do esporte brasileiro, são necessárias pesquisas mais profundas que investiguem as dimensões pré-reflexivas das experiências dessas atletas, bem como acerca de suas práticas no cotidiano. Isso implicaria um olhar mais atento sobre como as questões de gênero são vividas e negociadas nas diferentes realidades e contextos culturais dessas atletas, bem como um maior foco nas questões transculturais, raciais e de transsexualidade para uma compreensão mais completa da participação feminina nos esportes de combate.

[BARREIRA, Júlia. Mulheres em cargos de liderança no esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto? \(2021\).](#)

**Resumo:** O presente estudo discute sobre as adversidades que as mulheres enfrentam para ascender profissionalmente em cargos de liderança na área esportiva, mediante análise da metáfora do teto de vidro que apesar de bastante utilizado em estudos brasileiros, não representa os obstáculos experimentados pelas mulheres na sua vida profissional. Nesse sentido, avalia a metáfora do labirinto como mais complexa e inclusiva, observando as diferentes trajetórias trilhadas pelas mulheres a partir de suas identidades de gênero, classe e raça. Na metáfora do labirinto a evolução é difícil e requer um longo percurso, mas pode ser alcançado, diferente de um teto de vidro, o labirinto possibilita as mulheres atingirem níveis muito elevados de liderança, entretanto as paredes do labirinto permanecem no mesmo lugar e continuam oferecendo desafios para as mulheres. Os homens seguem um caminho, talvez com colinas e buracos, mas o labirinto que as mulheres enfrentam é claramente um caminho mais difícil, que leva mais tempo e, por isso, com maior chance de desistência. De acordo com as autoras, algumas mulheres serão incapazes de traçar seus caminhos e ficarão presas em becos sem saída. Mesmo experimentando contratempos e caminhos errados as mulheres podem avançar se persistirem, seguindo aquelas que vieram antes delas. Os impedimentos e obstáculos não deixam de existir quando as mulheres alcançam cargos de liderança, mas as que estão em uma posição de liderança podem orientar e facilitar o percurso das profissionais que estão iniciando a caminhada no labirinto. Esta estratégia, conhecida como mentoria, tem sido mencionada em vários estudos como um movimento bem-sucedido na ascensão de mulheres em posições de liderança. Finaliza, ponderando que, a articulação de competências de gestão, liderança e influência, e,



---

também, o apoio masculino nos planos de carreira são fatores que contribuem para o crescimento e aperfeiçoamento da liderança das mulheres no mundo esportivo.

BATISTA, Guilherme B.; CAMARGO, Wagner X. de. [Regimes de controle no esporte: das mulheres aos corpos trans/intersexo \(2020\)](#).

**Resumo:** Aborda as nuances sobre as relações de gênero no campo de esporte de alto aproveitamento, por meio dos “testes de sexo/gênero” na história dos Jogos Olímpicos modernos, levando em conta como eram e são balanceadas os elos entre os corpos de atletas e o binarismo ali fixado. A intenção é debater o lugar designado aos corpos intersexo e transgênero nas arenas do esporte. Aponta as táticas dos principais órgãos responsáveis pelos grandes eventos do Esporte Olímpico, especialmente a Associação Internacional de Federações de Atletismo (IAAF) e o Comitê Olímpico Internacional (COI), para assegurar a isonomia em suas competições. O fato é que a separação dos corpos biológicos nas classes femininas e masculinas, por um lado supostamente mantém uma “igualdade de chances”, por outro camufla um controle de corpos sobre quem poderá competir ou não. Assim, caem numa problemática que perdura até hoje, o que pode ser avaliado como “feminino” ou “feminino o suficiente” que não se assemelha ao ideal masculino em vigor no “esporte-padrão”, praticado por machos de espécie? Menciona iniciativas de sanar estas questões, como por exemplo, o teste tátil e visual, à análise cromossômica e hormonal, ou seja, delimitar uma “feminilidade aceitável”, como um objetivo recorrente, baseando-se na confirmação histórica considerada como desarmônicos em termos de gênero e sexualidade em arenas de esporte. Entre as entidades de controle há uma união desses corpos com base na ética do esporte apesar da arbitrariedade instaurada nas instituições. Historicamente o movimento olímpico moderno surge com essência masculinizada, concebido sobre valores europeus do final do século XIX, que trazia oculta a superioridade do homem sobre a mulher. Surgem então, nos séculos XIX e XX movimentos feministas, além de demandas de desempenho de mulheres nos Jogos Olímpicos com modalidades compatíveis a elas. A partir do momento em que o atletismo era encarado como comprovação de poder masculino, não foi por acaso que emerge as tomadas de decisão a favor da verificação de sexo e gênero dos atletas em modalidades femininas, aquelas com tonificação corporal elevada e desempenho acima do considerado normal, para suspeita de fraudes de gênero, que pesavam sobre os corpos teoricamente incapazes. A partir disso, se faz necessário desenvolver métodos de

---

controle para diferenciar os modelos/estereótipos de mulheres. Ocorreram mudanças durante todo o tempo sobre os métodos de controle dos corpos femininos no esporte. Contudo, após 50 anos usando tentativas diferenciadas de formar gênero ao sexo biológico, ainda não desistiram de seu controle binário sobre os corpos dos atletas por completo.

BRASIL. Senado Federal. [Comissão Parlamentar Mista de Inquérito: CPI da mulher \(1978, v. 2\).](#)

**Resumo:** O presente documento traça um panorama social, político, trabalhista e legal sobre a situação da mulher em todos os segmentos de atividades da sociedade brasileira. Para tanto, foi criada a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, conhecida como CPI das mulheres, por meio do requerimento nº 15 de 1976, na qual mediante a análise de situações que a mulher enfrenta são sugeridas medidas para a correção das situações apresentadas. Nesse sentido, é importante mencionar que as mulheres selecionadas para dar depoimentos sobre a situação jurídica e social da mulher no Brasil figuram num rol de personalidades de prestígio no mundo feminino, vitoriosas no campo de suas especialidades e, portanto, em condições de opinar. Tais estudos, foram realizados em seis meses e foram ouvidas 39 personalidades atuantes em ramos diversificados, como: professoras, deputadas, jornalistas, psicólogas, donas-de-casa, escritoras, líder das empregadas domésticas, artistas, juízas, pesquisadoras, assistentes sociais, advogadas, desportistas, sociólogas e presidentes de associações. O documento descortina um breve histórico sobre a situação da mulher na antiguidade e a sua modificação através dos tempos. Desse modo, é relevante ressaltar que por meio do Código de Napoleão, no século XIX, em que ainda hoje se baseia a legislação de vários países ocidentais, somente a partir de 1934, a mulher passou a ter o direito de votar igual ao homem. Destaque-se que foram as feministas, tendo Berta Lutz como precursora que fez as restrições irem caindo aos poucos e o voto feminino e o direito de poder ingressar em qualquer emprego público tornou-se uma realidade. É relevante destacar, em 1945, a instalação da Assembleia das Nações Unidas em São Francisco nos EUA, na qual uma representante brasileira, a Dra. Berta Lutz, propôs a criação de uma Comissão dos Direitos da Mulher. Por meio dessa Comissão, a ONU realizou em 1975, no México, o 1º Congresso Mundial das Mulheres. Tal Congresso consagrou a década 1975-1985 a estudos, pesquisas e levantamentos sobre a condição da mulher e sobre os meios de elevar essa condição em todos os países membros da ONU. Com relação à mulher nos esportes, nas páginas 329 a

---

333, tem-se o relato de Maria Lenk que, em 1922, foi a primeira atleta brasileira a participar de Jogos Olímpicos, sendo a introdutora do nado borboleta. Segundo a atleta, a posição da mulher, na educação física e no esporte, ainda precisa evoluir. Maria Lenk, menciona o Decreto-lei nº 3.199 de 1941, em dispõe em seu art. 54 do, estava disposto que a mulher teria que ficar restrita às atividades esportivas condizentes com as suas características. Ainda nas palavras de Maria Lenk: "A mulher atleta serve para competir e para dar títulos ao País, contudo, na hora de ser colocada num posto de direção, é preterida, não se veem mulheres nas Confederações, Federações ou Ligas Esportivas, por maiores que sejam seus méritos, seus recursos científicos e culturais." (p. 725). De acordo, com estudos realizados por órgãos oficiais houve um aumento da participação feminina no mercado de trabalho, entretanto, a taxa de atividade feminina no Brasil ainda é pequena, se comparada com a de outros países. Atualmente, na Constituição, a mulher está plenamente protegida, o que falta é a retirada das restrições, na prática. A luta da mulher brasileira pela sua emancipação tem sido árdua e lenta. Assim, a CPI da Mulher, buscou contribuir com progresso brasileiro, ao proporcionar, pela primeira vez, o pronunciamento destas, a respeito de temas, como: a discriminação nas condições de emprego, a criação de creches, a participação nos programas de formação profissional em todos os níveis e ramos econômicos, a paridade no exercício dos direitos civis, sociais e políticos, tais como os relativos ao casamento e à cidadania. E, por último, sugerindo a criação de um organismo no governo, a nível ministerial, para acelerar a obtenção de igualdade de oportunidade para a mulher.

**BRASIL. Senado Federal. [Mulheres no esporte: pesquisa sobre equidade de gênero \(2021\)](#).**

**Resumo:** O texto "Atletas começam a se sentir representadas" explora a evolução da participação feminina no esporte e os desafios enfrentados pelas atletas. As entrevistas com atletas revelam um progresso significativo na visibilidade e reconhecimento das mulheres no esporte, impulsionado por eventos como a Copa Mundial Feminina de Futebol de 2019 e a promoção de figuras emblemáticas como Marta, Yane Marques e Joana Maranhão. Estas personalidades têm desempenhado papéis cruciais na luta pela equidade de gênero no esporte, inspirando outras mulheres e abrindo caminhos para novas gerações. Apesar dos avanços, o texto sublinha as persistentes desigualdades que as mulheres enfrentam desde a infância. As meninas são menos incentivadas a praticar esportes, muitas vezes devido a uma cultura que ainda vê o esporte como um domínio masculino. As atletas relatam que, ao

---

crecerem e desejar competir em alto rendimento, enfrentam menos apoio familiar e social comparado aos homens, que recebem um incentivo mais robusto e consistente. Outro ponto abordado é a discriminação e subvalorização das atletas, que ainda são vistas como menos capazes que seus colegas masculinos. As entrevistas destacam a pressão adicional sobre as mulheres para se conformarem às normas sociais diferentes, além de enfrentarem problemas como assédio, falta de reconhecimento profissional e a predominância masculina em cargos de liderança esportiva. A falta de transparência na seleção para posições de liderança e o preconceito velado contra a presença feminina nesses papéis são obstáculos significativos mencionados. As atletas entrevistadas enfatizam a necessidade de políticas públicas robustas para apoiar e promover a equidade de gênero no esporte. Sugerem que essas políticas devem focar em educação, ressignificação cultural, apoio financeiro e inclusão, visando criar um ambiente que valorize a contribuição feminina no esporte. A atuação estatal é vista como crucial para transformar a cultura esportiva e garantir que a participação das mulheres seja cada vez mais significativa e inspiradora para futuras gerações. Em conclusão, o texto apresenta uma análise detalhada dos progressos e desafios na representação feminina no esporte. Reconhece os avanços conquistados, mas argumenta que ainda há um longo caminho a percorrer para alcançar a verdadeira equidade de gênero. As políticas públicas são destacadas como ferramentas essenciais para garantir que as mulheres no esporte recebam o respeito e reconhecimento que merecem, promovendo um ambiente inclusivo e justo para todos.

[BURTON, Laura J. Underrepresentation of women in sport leadership: a review of research \(2015\).](#)

**Resumo:** O artigo de revisão de literatura parte da constatação de que, apesar do aumento de oportunidades de participação das adolescentes e mulheres no esporte, estas se encontram sub-representadas nas posições de liderança em todos os níveis esportivos. O objetivo do artigo de revisão de literatura é fornecer uma análise em vários níveis dos estudos disponíveis que contribuem para compreender a razão de se haver tão poucas mulheres em posições de chefia e liderança no esporte. A partir de uma perspectiva macro, são examinados os estudos sobre as práticas institucionalizadas de gênero que acontecem no esporte. A análise a nível micro inclui os estereótipos dos líderes, as questões de discriminação e as culturas organizacionais que são baseadas no gênero. Por fim, a

---

investigação explora as expectativas das mulheres que ocupam posições de liderança, as intenções de rotatividade profissional e a influência do interacionismo simbólico na progressão da carreira. Além disso, a autora identifica novas áreas de investigação e apresenta recomendações e estratégias adicionais sobre as formas de ampliação do número de mulheres nas posições de liderança nos esportes. É importante a análise de tal cenário global, tendo em vista a sua reverberação no cenário sulamericano e, especialmente, no Brasil.

COSTA, D. Margaret; GUTHRIE, Sharon Ruth. [Women and sport: interdisciplinary perspectives \(1994\)](#).

**Resumo:** O livro, produto de mais de 10 anos de ensino e investigação das autoras, apresenta o estudo mais abrangente até a sua publicação sobre o passado, o presente e o futuro das mulheres e do esporte em uma perspectiva interdisciplinar. Texto voltado para estudantes de licenciatura e pós-graduação, bem como obra referência para acadêmicos e pesquisadores, o livro se apresenta bastante esclarecedor sobre as experiências das mulheres nos esportes. Apresenta mais de 20 contribuições de especialistas que examinam questões que envolvem as mulheres e as atividades esportivas a partir de perspectivas históricas, biomédicas, psicológicas e sociológicas. O livro está dividido em grandes áreas de conteúdo disciplinar: Parte I Fundamentos Históricos e Culturais do Esporte Feminino (8 capítulos), Parte II Considerações Biomédicas (6 capítulos), e Parte III Dimensões Psicológicas e Sociais (8 capítulos). A estrutura permite uma discussão multidisciplinar do tema, tendo como elemento coesivo a ênfase na perspectiva e análise feministas. Cada seção inclui ao menos um capítulo dedicado a uma crítica feminista da miopia disciplinar em relação às mulheres, incluindo pressupostos e metodologias de investigação. Concebido como um texto para cursos superiores em estudos do esporte feminino, parece adequado a disciplinas como sociologia do esporte, história do esporte, estudos sobre mulheres e psicologia e de sociologia e antropologia orientadas para o gênero. Praticantes de esportes que desejem saber mais sobre a forma como a sua própria herança desportiva foi influenciada por fatores sociais, psicológicos e biomédicos também encontrarão matéria para reflexão, sobretudo no contexto brasileiro em que paralelos podem ser estabelecidos.

---

DAVOLI, Ana Laura; DA SILVA, Tais Carolini Ribeiro. [Turismo de eventos esportivos como forma de inclusão da comunidade LGBTQIA+ \(2022\).](#)

Resumo: Trabalha as questões, como: reconhecer o quanto os problemas referentes à orientação sexual e de gênero influenciam os indivíduos LGBTQIA+ no campo esportivo, para revelar se todas as pessoas têm acesso às possibilidades com a noção de equidade. Além disto, trata da forma como políticas e ações geram opressões que resultam em ativos de enfraquecer a luta contra as desigualdades básicas destes indivíduos. Destacam o diálogo entre os eventos esportivos LGBTQIA+ que associa a inclusão, a diversidade e suas ligações com o turismo. Analisam o desempenho esportivo e suas ligações com a expressão sexual e de gênero de corpos considerados dissonantes, abordando sobre as experiências desses indivíduos LGBTQIA+ na esfera esportiva. Ademais, reforçam a importância da inserção desse grupo LGBTQIA+ na sociedade como um todo. Argumentam alguns conceitos importantes como a expressão LGBTfobia, ou seja, a violência contra a população LGBTQIA+ decorrente de ódio, aversão à orientação sexual ou diversidade de gênero, que vem aumentando no Brasil ao longo dos anos. Mencionam dados sobre o número de homicídios contra indivíduos LGBTQIA+, obtidos pelo GGB (Grupo Gay da Bahia), em 2018, nos quais o Brasil foi o país com maior número de homicídios identificados, com a grave constatação de um assassinato a cada 20 horas. Na sequência, alude outro conceito, de interseccionalidade, entendido como a associação de múltiplos sistemas de subordinação, que trata especialmente da forma na qual o racismo, a opressão de classe e outros métodos discriminatórios criam desigualdades básicas que compõem os prováveis elos de raças, etnias, classes, mulheres, dentre outras. Em outro contexto, este conceito, por outro lado, usa as classes de raça e gênero nas ligações interseccionais como maneira de criar métodos para levar ao sucesso ou à marginalização. Este estudo se torna relevante tanto na visibilidade, quanto na disseminação do assunto, assim como, na forma de análise e diálogo sobre os hábitos, preconceitos e resistência do coletivo para com a comunidade LGBTQIA+, visto que, nos traz outras discussões, por exemplo, sobre a inclusão e o empoderamento desses indivíduos. Do ponto de vista crítico especialmente, vimos no texto que o esporte carece de temas sobre gênero e sexualidade, pois, nenhuma modalidade de esporte deveria ser visto como heteronormativa. A sexualidade no esporte é um campo que ainda deve ser muito estudado pelos pesquisadores, a fim de desfazer as visões de mundo heterocentradas. Outro ponto, no

---

texto há vazios sobre dados geográficos, quando se mencionam o Brasil, por exemplo, quando se cita sobre a criminalização, homofobia e homicídios contra a comunidade LGBTQIA+, que podem delinear outras formas de ação. Foram identificadas outras questões carentes de respostas sobre a inserção da comunidade LGBTQIA+ ou mulheres no esporte em geral, contudo, abriu novos espaços e interpretações para discussões e estudos sobre o movimento LGBTQIA+ no Brasil, além do turismo e do esporte que foram os temas principais deste estudo. Contudo, os depoimentos dos entrevistados, e dados levantados são ferramentas imprescindíveis para que ações efetivas de combate ao preconceito sejam delineadas.

[DRINKWATER, Barbara L. \*Women in Sport\* \(2000\).](#)

**Resumo:** Os Jogos Olímpicos de Sydney, no ano 2000, foram o marco do 100º aniversário da participação das mulheres nas Olimpíadas. Embora os Jogos da era moderna tenham começado em 1896, as mulheres não eram autorizadas a participar. Se a convicção do pai dos Jogos Olímpicos modernos, o Barão Pierre de Coubertin, tivesse prevalecido, os Jogos Olímpicos teriam continuado a ser uma arena "... solene e periódica do atletismo masculino, com o internacionalismo como base, a lealdade como meio, a arte como cenário e o *aplausos feminino como prêmio*". A falta de entusiasmo das mulheres pelo papel que lhes foi atribuído às levou a desafiar o *status quo* e empreender a longa e árdua tarefa de serem aceitas como atletas e participantes. Ano após ano, o número de eventos abertos às mulheres e o número de atletas do sexo feminino vem aumentando. Nos Jogos de Atlanta em 1996, dois terços dos competidores eram mulheres que competiram em 58% dos eventos. Na ocasião, o Presidente do Comitê Olímpico Internacional, Juan Antonio Samaranch, iniciou e liderou um esforço para alcançar a igualdade de gênero, estabelecendo o objetivo de aumentar a representação das mulheres em cargos de liderança no COI, nos Comitês Olímpicos Nacionais e Federações Internacionais para 10% até ao final do ano 2000 e para 20% até ao final de 2005. Juntamente com o aumento no número de atletas, houve um aumento paralelo no número de médicas na medicina desportiva e fisiologistas do exercício. Para a autora, retroceder vinte anos, teria sido difícil encontrar mulheres cientistas e médicas para escrever capítulos para este volume. O volume se divide em oito seções. A Parte 1 traça uma linha histórica da participação das mulheres nos Jogos Olímpicos. A Parte 2 examina a fisiologia de atletas do sexo feminino. Existem

---

diferenças de gênero nas qualidades que caracterizam as habilidades atléticas? Como é que ela responde aos desafios ambientais e como é que o ciclo menstrual afeta o desempenho? Na Parte 3, os autores analisam fatores básicos de treinamento, se diferenciam entre mulheres e homens e, em caso afirmativo, como é que isso afeta os treinamentos. A Parte 4 aborda as alterações fisiológicas que ocorrem com o envelhecimento podem afetar o desempenho da mulher e como as alterações hormonais após a menopausa. Apresenta questões médicas específicas para a mulher atleta, bem como áreas de preocupação geral que têm fatores relacionados com o gênero, abordados na Parte 5. As consequências potencialmente graves de um problema que pode ser evitado, a lesão especificamente feminina, são abordadas na Parte 6. Na Parte 7, são exploradas três áreas psicossociais: o efeito psicológico da competição intensa e o envolvimento dos pais e responsáveis no desenvolvimento da criança atleta; questões éticas que afetam as mulheres no esporte e na medicina desportiva; e a crescente presença de mulheres nos órgãos dirigentes. Por fim, na Parte 8, os médicos trazem uma discussão sobre as lesões mais comuns às mulheres em 12 esportes diferentes. Apesar do espaço limitado no número de esportes, foi feito um esforço de selecionar eventos de equipe e individuais que representassem os Jogos Olímpicos de verão e de inverno. O escopo desta obra traz de forma contundente a participação de mulheres em evento internacional e com isso torna possível verificarmos se a participação de mulheres brasileiras neste tipo de evento segue a tendência mundial numa perspectiva histórica globalizada.

[FARIAS, Cláudia Maria de. Os jogos femininos e a experiência liberal-democrática no Brasil \(1946-1964\) \(2011\).](#)

**Resumo:** O texto se desenvolve a partir de uma nota dada pelo Jornal dos Sports (JS), em 1949. A nota sugere o esquecimento, quando é dada ao evento esportivo a expressão de “jornada de graciosidade” oferecida às “estrelas”, na qual não considerava o desempenho das atletas brasileiras nas Olimpíadas de Londres, em 1948, nem mesmo a primeira atleta negra Mêlania Luz. A nota promove o jornal ao apontar sua intenção de rever sua imagem quanto a pouca difusão dos desportos femininos, apesar de, não lembrar ao seu leitor a importância das mulheres nos Jogos Olímpicos de 1948, que foi proibida em linhas do artigo 54, do Decreto-Lei de 14 de abril de 1941. Neste contexto, o Jornal dos Sports era importante por suas crônicas esportivas e criativas capazes de incentivar emoção, cativar estima da



---

torcida, no qual o proprietário do jornal foi o incentivador em acelerar a divulgação do futebol e defensor de sua profissionalização nos anos 30, essencial para a integração nacional e democrática na construção de ideologia estadonovista. A nota usou o artifício do jornal para estreitar seu prestígio entre a população e autoridades públicas, restabelecer antigas relações de poder, e a criação dos jogos femininos que atenuaram o dilema causado pela institucionalização do Decreto do artigo 54, do Decreto-Lei 3.199. Afinal, como iriam incentivar os jogos femininos se o decreto os proibia, reafirmando a fronteira entre os gêneros. As atividades esportivas foram sendo realizadas pelas mulheres antes consideradas do terreno de dominação masculina, a partir do final do século XIX, mesmo que de forma isolada. E durante o século XX, o processo progride com avanços e recuos já com a intenção da construção de uma nova Nação moderna, período em que a figura da mãe sadia deveria fazer atividades físicas, gerar e educar filhos fortes e altivos à Pátria. Contudo, as mulheres eram proibidas da prática de desportos incompatíveis com as condições da sua natureza, assim, atuavam em modalidades consideradas como extensão maternal. Havia a premissa na qual os contatos físicos deveriam ser intermediados por bola e roupas especiais, por serem vistos como mais civilizados, e menos danosos no tocante às modalidades de resistência, que eram interpretadas por um estereótipo masculino nas mulheres. Entretanto, houve resistência autoritária dos grupos conservadores imposta no artigo 54, do Decreto Lei nº 3.199 de 1941, contra o impacto causado pelos jogos. A partir disso, cessam-se as notícias do Jornal dos Sports, sobre os jogos de futebol feminino nos anos posteriores, impondo o silêncio sobre essas atividades. Com efeito, observa-se que a participação de mulheres nas Olimpíadas Femininas diminuíram os sentimentos de exclusão, pois é comum o regime democrático dar-se visibilidades aos ecos dos ressentimentos, dar-lhes certo direito de expressão e facilitar a superação dos ódios pelas discussões e concessões. Contudo, tais eventos e sua repercussão social traduzidas nas notícias da época também serviram de estopim para o Decreto Lei nº 3.199 de 1941 que ratificava o conservador sentimento social masculino de um tipo de esporte voltado para o gênero feminino, bem como o seu apartheid.

[FARIAS, Cláudia Maria de. Sonhos, lutas e conquistas: projeção e emancipação social das mulheres brasileiras nos esportes 1932-1979 \(2012\).](#)

Resumo: A tese de Cláudia Maria Farias explora a emancipação social das mulheres

---

brasileiras no esporte entre 1932 e 1979. A autora adota uma perspectiva micro-histórica para investigar como as desigualdades de gênero foram construídas e manipuladas por discursos médico-eugênicos e aborda a busca das mulheres por igualdade. Nos anos 1920, a urbanização e industrialização permitiram a entrada das mulheres no espaço público e no mercado de trabalho, mas isso reforçou estereótipos de gênero, já que as novas ocupações femininas eram vistas como extensões das funções domésticas e maternas. Durante o Estado Novo, a prática esportiva feminina foi influenciada por ideais eugênicos e nacionalistas. As mulheres enfrentam barreiras significativas para participar de esportes competitivos, com a prática esportiva frequentemente vista como uma extensão de suas responsabilidades domésticas. No entanto, o esporte também ofereceu um espaço para resistência contra normas opressivas. Na era democrática, os anos 1950 trouxeram novos desafios e oportunidades. A criação dos Jogos da Primavera proporcionou uma plataforma para as mulheres se destacarem no esporte. A luta por igualdade de gênero continuou, com as mulheres negociando suas identidades e papéis dentro e fora do campo esportivo. Durante a ditadura civil-militar, houve um aumento da discriminação de gênero no esporte. A repressão política e social marginalizou as mulheres, mas também catalisou movimentos de resistência e afirmação de identidade entre as desportistas. A tese de Farias é uma contribuição significativa para a historiografia das mulheres no esporte no Brasil, destacando a complexidade das interseções entre gênero, classe, raça e política. A abordagem micro-histórica ilumina experiências cotidianas de resistência das mulheres, embora possa obscurecer influências macroestruturais. Ainda assim, a obra é valiosa por revelar as vozes e histórias das mulheres comuns, oferecendo uma visão mais completa e nuançada da história do esporte feminino no Brasil.

[ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. \*\*Futbolera\*\*: a history of women and sports in Latin America \(2019\).](#)

**Resumo:** A questão mais intrigante sobre esse livro ilustrado diz respeito ao título, já que "Futbolera", é definida pelos autores como uma forma enganosamente simplista de se referir a uma adolescente ou mulher que joga futebol. Depois, na segunda parte do título reconhecem que o livro é uma história das mulheres e do esporte na América Latina e que a utilização do termo "futbolera" foi devido ao papel especial que o futebol ocupa para compreensão das ideologias de gênero, classe gênero, classe, raça e sexualidade na América

---

do Sul. As autoras também reconhecem a problemática envolvida no conceito de "América Latina", uma vez que representa um espaço geográfico e uma esfera política, cultural e socialmente diversa. Por isso, as autoras não pretenderam cobrir todo o continente no livro, mas sim fazer uma apresentação de alguns estudos de caso aprofundados sobre o desenvolvimento do esporte feminino em países como a Argentina, o Chile, Brasil, México e América Central. Os paralelos históricos traçados a partir dos estudos de caso e os contrastes apresentados, constroem uma narrativa poderosa da diversidade das questões de gênero que se colocam em cada país retratado e, simultaneamente, apresentam como o poder enraizado das estruturas patriarcais onde as mulheres precisaram abrir espaços para desenvolver suas atividades esportivas. Este feminismo nascente representado no esporte é detalhado pelas autoras, que salientam que, em diferentes países, como Argentina e Chile, as mulheres profissionais de educação física estiveram na vanguarda, desempenhando o papel de professoras de Educação Física que foi fundamental nas fases iniciais do desenvolvimento do gosto pela atividade física de meninas e adolescentes. Leitura para o público em geral como também ferramenta para acadêmicos que, em qualquer fase das suas carreiras, buscam compreender as complexas relações entre gênero, esporte e estruturas políticas no contexto latino-americano.

[FERREIRA, Heidi J.; SALLES, José Geraldo C.; MOURÃO, Ludmila; MORENO, Andrea. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil \(2013\).](#)

**Resumo:** Por meio de uma análise qualitativa da presença feminina no esporte, os autores chegaram à conclusão de que há um baixo número de mulheres em postos de comando esportivos. E, de acordo com eles, isto se dá principalmente por meio de três grandes pilares: primeiro, devido ao domínio masculino na esfera esportiva que afasta intencionalmente as mulheres, onde a falta de poder gera cada vez mais falta de poder, ampliando a segregação. O segundo pilar aponta para a divergência salarial, onde não há uma motivação financeira que faça a permanência feminina por toda uma carreira, onde após as conquistas esportivas, os títulos, não há uma grande intenção em dar sequência nos postos de trabalho; Já o terceiro pilar se baseia na metáfora do "teto de vidro", onde, por já terem conquistado a proximidade da igualdade em postos de atletas, vislumbram sobretudo num pós carreira a sequência como treinadoras ou diretoras, entretanto, como os títulos gerenciais são majoritariamente ocupados por homens, as poucas mulheres observam, vislumbram e

---

anseiam pelos postos superiores, mas pela falta de mulheres nos postos superiores, muitas enfrentam desafios para quebrar o teto. Tais pilares se retroalimentam e ampliam a segregação sistêmica, justificando a baixa representatividade e as dificuldades de trabalho experimentadas pelas mulheres nesses postos.

FERREIRA, Heidi J.; SALLES, José Geraldo C.; MOURÃO, Ludmila. [Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil \(2015\).](#)

**Resumo:** Partindo de uma análise de casos e sua planificação em gráficos, os autores buscaram analisar as dificuldades, os anseios e as vidas das mulheres que ocupam os cargos de treinadoras. Contactando diversas federações brasileiras e analisando dados do Comitê Olímpico Internacional, os autores analisaram que a presença feminina como treinadoras varia entre 7% e 16%, identificando o problema, os autores formularam um questionário para ser apresentado a 20 profissionais da área, buscando encontrar o perfil profissional e pessoal das atuantes. Dentre as 20 entrevistadas, 13 não possuem filhos, 11 são casadas, 16 foram ex-atletas, 12 possuem formação acadêmica além da graduação em Educação Física e 9 não estão satisfeitas com a remuneração recebida. Traçando o perfil e ao longo das perguntas, os entrevistadores concluíram ao longo das entrevistas que as mulheres ocupam de um modo geral cargos inferiores em clubes em categorias de base ou em escolinhas. Onde mesmo a maioria não tendo filhos realizam trabalhos que estão associados à figura materna, estereotipando cada vez mais o trabalho feminino na área.

FIGUEIRA, Maria Luiza M.; ALMEIDA, Thais R. de. [Mulheres praticantes de skate e de rugby no Brasil: histórias a serem narradas \(2006\).](#)

**Resumo:** Analisar a prática esportiva feminina no Brasil, particularmente em modalidades predominantemente masculinas como o skate e o rugby, revela um panorama de desafios e conquistas. Historicamente, a participação feminina no esporte no Brasil foi marcada por desafios significativos. Desde o Decreto-Lei 3.199 de 1941, que proibiu a prática de várias modalidades esportivas por mulheres, até a revogação na década de 70, a presença feminina foi limitada e regulamentada. Embora a legislação tenha mudado, a realidade das mulheres no esporte continua a ser moldada por representações de gênero e a persistência de atitudes conservadoras. O skate, inicialmente uma prática associada aos esportes radicais e visto como uma expressão de liberdade e criatividade, começou a ganhar espaço no Brasil na

---

década de 60, vindo principalmente do surf. A prática do skate no país evoluiu de um hobby para um esporte formalizado, com a construção de pistas e a organização de campeonatos a partir dos anos 70. Apesar do crescimento do skate, a visibilidade das mulheres neste esporte permaneceu limitada. Nos anos 90, o skate feminino começou a emergir com campeonatos dedicados e a formação de uma comunidade de skatistas mulheres. A fundação da Associação Brasileira de Skate Feminino e o "1º Encontro Unidas Pelo Carrinho" em 2004 foram marcos importantes na promoção do skate feminino no Brasil. A falta de cobertura e reconhecimento, como evidenciado na escassez de fotografias e referências em publicações importantes, impulsionou iniciativas como o site Skate para Meninas, crucial para dar visibilidade e apoio às atletas. O rugby, com suas raízes profundas na tradição masculina das escolas inglesas, também apresenta um histórico de exclusão feminina. No Brasil, o rugby feminino começou a se estruturar mais recentemente, com o surgimento de clubes e competições dedicadas a mulheres nos anos 90. O Charrua Rugby Clube, fundado em 2001, é um exemplo significativo de como o rugby feminino vem se desenvolvendo no país. A falta de documentação histórica sobre a participação feminina no rugby brasileiro reflete um padrão mais amplo de invisibilidade, mas a prática feminina tem se fortalecido através de clubes e competições locais. Tanto o skate quanto o rugby ilustram as complexas dinâmicas de gênero no esporte. Acreditamos que embora as mulheres tenham conquistado espaço nessas modalidades, a visibilidade e o reconhecimento ainda são desafios constantes. Iniciativas de mulheres, tanto em skate quanto em rugby, são fundamentais para promover a inclusão e visibilidade, e suas histórias de resistência e sucesso são um testemunho à persistência e ao talento dessas atletas. O desenvolvimento contínuo de ambas as modalidades e a luta por igualdade de oportunidades refletem uma maior aceitação e valorização das mulheres no esporte, embora ainda haja um longo caminho a percorrer para alcançar uma verdadeira equidade.

[FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. "Quando você é excluída, você faz o seu": mulheres e skate no Brasil \(2013\).](#)

**Resumo:** O artigo de Márcia Luiza Machado Figueira e Silvana Vilodre Goellner (2013) examina a participação das mulheres no skate no Brasil, um esporte predominantemente associado ao universo masculino. O skate é frequentemente visto como um esporte masculino, associado a atributos como aventura e coragem, que culturalmente são

---

valorizados no masculino e subestimados no feminino. As skatistas brasileiras têm enfrentado essa narrativa dominante ao buscar formas de se destacar e afirmar sua presença nesse espaço. Utilizando uma abordagem teórica e metodológica baseada em vertentes dos estudos feministas e de gênero, o texto analisa como mulheres skatistas brasileiras têm lutado para ganhar visibilidade e reconhecimento em um espaço que frequentemente as invisibiliza. Partindo de uma análise das representações e disputa de significações, a prática do skate, frequentemente classificado como um esporte radical e masculino, torna-se um campo de disputa onde a visibilidade e a valorização são moldadas tanto pela prática quanto pelos processos que o constituem. Por exemplo, a falta de referências sobre mulheres skatistas não reflete sua ausência, mas sim uma deficiência na narrativa dominante, que muitas vezes omite suas contribuições e presença. O artigo sublinha a trajetória do skate e de como vem sendo ressignificado por skatistas mulheres, que buscam, através de muita resistência, visibilidade e reconhecimento em um campo culturalmente dominado por representações do gênero masculino. Essa resistência é visível tanto na prática do esporte quanto na criação de plataformas que visam destacar a participação feminina no skate, como o site Skate para Meninas, blogs, reportagens e documentação de eventos. Vale destacar que o skate foi incluído nos Jogos Olímpicos em 2021. Desde então, a representação feminina brasileira, personificada na atleta Rayssa Leal (medalha de prata em Tóquio/2021 e bronze em Paris/2024), tem se destacado e trazido muitas alegrias aos brasileiros com seu protagonismo.

GOELLNER, Silvana V. [Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história \(2005\).](#)

**Resumo:** O texto examina a participação das mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos de Atenas e a evolução histórica de sua inserção no esporte. Destaca a quase paridade no número de atletas masculinos e femininos em 2004, celebrada como uma conquista importante. Contudo, ressalta que as condições de acesso e participação das mulheres no esporte ainda são desiguais em comparação aos homens. Historicamente, a inserção feminina no esporte remonta ao século XIX, mas ganhou maior visibilidade nas primeiras décadas do século XX, em um Brasil que ansiava por modernização e desenvolvimento. O esporte, inicialmente restrito às elites, começou a ser visto como essencial para o fortalecimento da nação, incentivando a participação de homens e mulheres. O texto

---

sublinha a luta das mulheres contra preconceitos e barreiras sociais que restringiam sua participação em esportes considerados masculinos ou impróprios para sua natureza. Mesmo com o aumento da visibilidade e das oportunidades, as atletas enfrentaram (e ainda enfrentam) desafios significativos, como a falta de incentivos, apoio e igualdade de condições. Além disso, o texto aborda a influência de médicos higienistas e intelectuais na promoção da educação física como parte de um projeto nacional de fortalecimento da raça, que incluía a prática esportiva feminina. Nos anos 1930, houve um aumento do entusiasmo pelo esporte feminino, culminando na participação de Maria Lenk nas Olimpíadas de 1932, um marco importante para a imagem das mulheres atletas. Por fim, a narrativa explora as tensões e reações conflituosas diante da crescente participação feminina no esporte, refletindo uma sociedade dividida entre valores conservadores e a modernização. As proibições e restrições impostas às mulheres em determinadas modalidades esportivas são mencionadas, assim como os esforços de várias mulheres que desafiaram essas normas e abriram caminho para futuras gerações de atletas. Logo, o texto oferece uma análise rica e detalhada da evolução da participação feminina no esporte no Brasil, mostrando tanto os avanços quanto os obstáculos enfrentados. A narrativa revela como a inserção das mulheres no esporte foi uma luta contínua contra preconceitos e barreiras estruturais, refletindo a desigualdade de gênero persistente na sociedade. A celebração da paridade de gênero nas Olimpíadas de Atenas é, sem dúvida, um marco significativo. No entanto, o texto corretamente aponta que a igualdade numérica não necessariamente se traduz em igualdade de condições. As diferenças históricas e estruturais no apoio e incentivo às mulheres atletas revelam a necessidade de uma abordagem mais profunda e abrangente para alcançar a verdadeira igualdade no esporte. Além disso, o texto sublinha a importância da visibilidade e do apoio institucional para o desenvolvimento do esporte feminino. A história das primeiras atletas brasileiras mostra que a participação feminina no esporte não foi apenas uma questão de vontade individual, mas também de mobilização social e política. Em suma, o texto destaca a importância de reconhecer e celebrar os avanços, mas também de continuar lutando contra as desigualdades e promovendo condições equitativas para todos os atletas, independentemente de gênero. A narrativa histórica apresentada serve como um lembrete poderoso de que a igualdade no esporte é um objetivo em constante construção, exigindo esforços contínuos e concertados.

---

[GOELLNER, Silvana V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades \(2005\).](#)

**Resumo:** Este artigo explora a participação feminina no futebol brasileiro e as dificuldades enfrentadas devido a preconceitos e estereótipos de gênero. Fundamentado na história cultural e nos estudos de gênero, o texto argumenta que, apesar das mulheres jogarem futebol no Brasil há muito tempo, elas ainda enfrentam pouca visibilidade na mídia, nos clubes esportivos, na educação física escolar e nas políticas públicas de lazer. Goellner utiliza como fontes primárias documentos do início do século XX, como periódicos, matérias jornalísticas, livros de esportes e educação física, além de publicações recentes. A autora mostra que a associação entre o esporte e a masculinização da mulher é uma barreira que persiste há décadas. Mesmo quando saem da invisibilidade, as atletas ainda enfrentam representações que enfatizam a beleza e a feminilidade como algo a ser preservado, especialmente em esportes considerados violentos. A autora discute como, historicamente, a prática esportiva feminina era vista como uma ameaça à feminilidade tradicional e à estrutura social patriarcal. No Brasil, esse discurso resultou em regulamentações que proibiram mulheres de participarem de certos esportes, incluindo o futebol, até 1965. Apesar disso, as mulheres continuaram a jogar em espaços informais, desafiando as normas sociais e estatais. O artigo conclui que a luta das mulheres para se afirmarem no futebol e em outros esportes reflete a necessidade de questionar discursos que limitam suas participações com base em argumentos biologicamente infundados. Goellner destaca que o esporte pode ser um espaço de sociabilidade e igualdade de gênero, mas para isso é necessário desconstruir as narrativas que perpetuam a desigualdade. Criticamente, o texto de Goellner é uma importante contribuição para entender a complexa relação entre gênero e esporte no Brasil. A análise detalhada e a utilização de uma vasta gama de fontes históricas enriquecem a discussão, revelando como as mulheres desafiaram e continuam a desafiar as barreiras impostas pela sociedade patriarcal. No entanto, o artigo também aponta para a necessidade contínua de políticas públicas que incentivem e apoiem a participação feminina nos esportes, garantindo visibilidade e oportunidades iguais.

[GUIMARÃES, Júlia M. L.. Skate para falar delas: os atravessamentos de gênero na recepção via Twitter da participação de Rayssa Leal nas Olimpíadas \(2023\).](#)

**Resumo:** O objeto de pesquisa do presente trabalho está nas publicações de brasileiros no Twitter que abordaram gênero a partir da participação de Rayssa Leal na competição de



---

skate feminino das Olimpíadas de 2020. As Olimpíadas de Tóquio de 2020 - que aconteceram em 2021 - marcaram a estreia do skate como esporte olímpico. Entre as medalhistas estava Rayssa Leal, skatista jovem de 13 anos que subiu ao pódio na competição feminina de skate de rua. Como nas modalidades Street e Park e nas categorias feminina e masculina, a competição rendeu três medalhas de prata para a seleção brasileira. A representação midiática de uma menina que se destaca desde cedo com suas manobras no skate, chama a atenção para os novos passos do skate feminino no Brasil, que ganhou visibilidade fruto de décadas de luta. Estas são algumas das questões levantadas nesta pesquisa que tem como objetivo geral identificar quais temáticas que emergiram do debate de gênero nas publicações feitas por brasileiros no Twitter a respeito da participação da atleta Rayssa Leal na estreia do skate nas Olimpíadas de 2020, considerando o contexto de desigualdade enfrentado por mulheres na prática do esporte e tem como objetivos específicos, por a) Contextualizar a discussão da visibilidade do skate street feminino; b) Mapear quais atravessamentos de gênero estão presentes nas percepções dos brasileiros no Twitter; c) Examinar as temáticas que emergem no debate de gênero das conversações coletadas a partir da análise dos atravessamentos. A problemática/ponto de partida deste trabalho gira em torno do seguinte ponto: Quais os atravessamentos de gênero que permearam a recepção da participação de Rayssa Leal no campeonato de skate street feminino das Olimpíadas de 2020 pelo público brasileiro no Twitter? tendo as seguintes palavras chaves: gênero, recepção, convergência, skate feminino, twitter, Olimpíadas e esporte. Para que o problema seja analisado, a pesquisadora parte, no primeiro capítulo, com uma introdução sobre o skate feminino e as dinâmicas de gêneros, entendendo que a própria demarcação social dentro do esporte impôs limites e dificuldades das mulheres dentro do esporte, principalmente um esporte majoritariamente praticado por homens. A conquista da medalha de prata por Rayssa Leal tem enorme significado para a categoria esportiva que tanto busca visibilidade, respeito e reconhecimento. Em termos de impacto social, o tema encontra relevância como espaço de investigação das dinâmicas de gênero que permeiam nossa sociedade. A categoria masculina é tido como a principal de muitas categorias do esporte, como por exemplo o futebol, sendo que a categoria feminina precisa ser definida como futebol feminino. Tendo em vista a análise desenvolvida, algumas reflexões e conclusões sobre como a figura de Rayssa Leal e o skate feminino foram tensionadores do debate de gênero no Twitter. É neste cenário que o skate praticado por mulheres luta por visibilidade e

---

reconhecimento, com conquistas importantes recentes para a categoria esportiva. As dinâmicas que acontecem em diferentes níveis da sociedade incidem, também, no esporte. O desejo por esta definição, no entanto, é criticado pela filósofa americana Judith Butler, que argumenta que o alcance de tal definição não é de forma alguma necessária para a continuidade da ação política feminista, e que a busca por unidade pode gerar uma consequência de exclusão: A “unidade” implica uma norma excludente de solidariedade no âmbito da identidade, excluindo a possibilidade de um conjunto de ações que quebram a fronteiras dos conceitos identitários, ou que buscam justamente efetivar esta ruptura como um objectivo político explícito? . (BUTLER, 2003, p. 36). Gênero é, portanto, uma concepção que tem forte expressão na organização social, e marca relações de poder desiguais, nas quais a figura masculina é privilegiada. Estes são os feminismos de diferença, que abrangem movimentos como o feminismo negro, povos indígenas, feminismo asiático, transfeminismo, entre outros que dão luz à opressão interseccionalizada e voz para mulheres com diferentes experiências. O problema de pesquisa parte da percepção de que as dinâmicas da competição chama a atenção para a desigualdade de gênero e a recepção, através das mídias sociais, e discussão no twitter marca a influência inclusive da própria forma que é transmitida a competição. A demarcação de gênero impõe normas e padrões no meio social, de forma a criar papéis e limitações baseadas na identidade de gênero dos indivíduos, os quais, historicamente, gera relações desiguais entre os indivíduos. O universo esportivo é marcado de forma expressiva por tais dinâmicas, o skate - apesar de sua cultura contestatória dos valores hegemônicos - é um desses esportes. É interessante observar que o skate é um esporte contestatório, que questiona o controle da cidade e da hegemonia, porém tem questões com as desigualdades de gênero, sendo um esporte majoritariamente masculino. Historicamente, as mulheres têm muitos obstáculos para adentrar às áreas esportivas, principalmente aquelas consideradas masculinas. Para as mulheres eram reservados os esportes mais “suaves” para que não afetasse a sua feminilidade ou esportes que deixavam-as com os corpos mais saudáveis, preparando-as para a maternidade. Atualmente, ainda através de muitas lutas, a mulher já adentrou lugares que é seu por direito e a mídia tem auxiliado muito na visibilidade e nos debates sobre, como propõe esta pesquisa em relação ao skate e à recepção dos campeonatos através das discussões pela rede Twitter, entendendo como estão inseridas as questões de gênero nessas discussões. A luta continua e as discussões sobre a mulher no esporte tendem a aumentar, auxiliando,

---

assim, na luta por mais visibilidade e menos desigualdades.

HARGREAVES, Jennifer. [Sporting females: Critical issues in the history and sociology of women's sport \(2002\)](#).

**Resumo:** Jennifer Hargreaves é uma pesquisadora que se dedica aos estudos feministas, relacionando questões de gênero e esporte. No livro, aborda questões da sociologia e da história do esporte, por meio das relações das mulheres que lidam com o desporto, sejam enquanto atletas, treinadoras, técnicas e da sua relação com os homens, tratando de temas como discriminação, gênero, estereótipos e as lutas pela igualdade de direitos. Através de exaustivo trabalho de investigação, baseado em uma extensa pesquisa bibliográfica, com a utilização de livros, fontes de arquivo, registros, documentos originais e material jornalístico, trazendo uma notável contribuição para os estudos feministas relacionados com o esporte. Faz uma descrição crítica do desenvolvimento dos esportes femininos desde o século XIX até aos dias atuais, examinando a evolução e construção dos direitos das mulheres em suas relações com o mundo esportivo, examinando as ideias teóricas, material histórico e questões centrais da atualidade. Sinaliza para o caráter complexo e paradoxal dos esportes femininos. São analisadas as relações de gênero e classe, bem como outros aspectos da vida e da cultura que são intrínsecos ao desenvolvimento do esporte feminino. A maior parte das histórias e estudos sociológicos do esporte centram-se nos homens, mas este livro coloca as mulheres no centro da discussão, preenchendo uma importante lacuna. A tese central do livro pressupõe que a história e a sociologia dos esportes refletem o domínio masculino nos discursos acadêmicos, posicionando o campo esportivo como fundamental na batalha pelo controle dos corpos e, nesse sentido, área importante para a intervenção e investigações feministas.

KRAHENBÜHL, Tathiane; OLIVEIRA, Gabrielle; ALVES, Isabella; ALVES, Maria. [A carreira esportiva de mulheres paralímpicas: o caso da seleção brasileira de voleibol sentado \(2022\)](#).

**Resumo:** Este trabalho buscou investigar a carreira esportiva das mulheres atletas de voleibol sentado que participaram dos Jogos Paralímpicos Rio 2016, com o objetivo de reconhecer o percurso esportivo das atletas. É interessante observar que as quatro atletas analisadas, todas elas tinham outra carreira profissional, não sendo o esporte a única dedicação.

---

Pode-se perceber que há um crescente apoio financeiro, por meio da política brasileira, porém o apoio de agentes múltiplos é fundamental. Em especial, são necessárias reflexões acerca da carreira esportiva de mulheres com deficiência, que, frente às mulheres sem deficiência e aos homens com deficiência, são invisibilizadas. A carreira esportiva é uma forma de reabilitação e inserção social. Familiares, amigos e treinadores são influenciadores nesta carreira. Ainda há muitos obstáculos a serem ultrapassados, principalmente voltados às acessibilidades. Mesmo com esses obstáculos, a expansão do esporte paralímpico impulsiona atletas a procurar uma rotina de treino e melhoria em suas habilidades. Conhecer a trajetória, as práticas e dificuldades do esporte paralímpico auxilia a organizar e entender como pode-se melhorar e promover essas habilidades no esporte brasileiro. Por isso, o objetivo dessa pesquisa é identificar e analisar as fases dessas quatro atletas. Para esta pesquisa, utiliza-se dois métodos de estudos: a história de vida e a carreira esportiva, permitindo adentrar em memórias, feita a partir da narrativa da entrevistada e analisar a carreira esportiva, desde o início. Para identificar as diversas fases da carreira esportiva das atletas, bem como as influências e contextos que as inseriram na modalidade voleibol sentado, dividiu-se a análise dos dados obtidos por meio das entrevistas nas seguintes estruturas de análise: a) práticas físico-esportivas antes de adquirir a deficiência; b) a inserção no esporte paralímpico; c) a carreira esportiva em si. Esta última dividiu-se em outros três subtópicos: iniciação ao esporte; especialização e conquistas esportivas; e planejamento do encerramento da carreira esportiva. A partir da análise das entrevistas das quatro atletas conseguimos identificar os contextos e influências que ocorreram durante a infância em que apresentam algum contato com atividades esportivas. O esporte paralímpico deve ser incentivado e oportunizado para pessoas com deficiência, pois, é uma forma de melhoria de vida. O esporte aparece na vida delas como uma forma de reabilitação e elas acabam ficando, pois pelo fácil acesso ao voleibol sentado, baixo custo e relações sociais. É importante destacar que o esporte paralímpico, no Brasil, ainda é considerado amador, portanto é muito necessário que haja pesquisas como estas para que possamos entender as necessidades e os benefícios que essa prática tem na vida das pessoas.

[KNIJNIK, Jorge. \*Visions of gender justice: Untested feasibility on the football fields of Brazil\* \(2012\).](#)

Resumo: A partir da constatação de que entre anos de 1941 a 1979, as mulheres no Brasil

---

eram proibidas por lei de praticar o esporte nacional e, ainda hoje, elas precisam continuar a lutar para afirmar sua participação neste aspecto tão importante da vida social do país, o artigo apresenta um exercício de “imaginação sociológica” sobre a noção de justiça de gênero, por meio do conceito de “viabilidade não testada” proposto pelo educador Paulo Freire colocado partir das ideias e práticas políticas da jogadora Juliana Cabral, capitã da equipe brasileira de futebol feminino que ganhou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004. Num contexto de contestação política organizada da estrutura de gênero estrutura de gênero no desporto brasileiro, o autor cronifica a visão de Juliana Cabral sobre a justiça de gênero no futebol, bem como as suas ações políticas em busca da promoção da igualdade de gênero no futebol. O Autor conclui que o momento particularmente importante de contestação que deveria ser documentado, uma vez que o artigo foi produzido no ano de 2013, onde o Brasil está prestes a sediar dois grandes eventos desportivos mundiais nesta década - a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro de 2016, que evidenciaram ao mundo, mais uma vez, as tensões na ordem social de gênero no país. Conclui afirmando que o encontro do artigo entre a postura da atleta Juliana Cabral e Paulo Freire que detinha a convicção de que a sensibilidade e a percepção das pessoas em relação à sua condição de opressão são fundamentais para a superação de muros e barreiras, a fim de alcançar melhores condições humanas, o autor afirma poder testemunhar o uma forma de viabilidade não testada, capaz de colaborar na construção de uma nova e justa ordem de gênero, não só no campo de futebol, mas que poderá se estender a todos os aspectos da vida deste imenso país.

[KRUBNIKI, Monique. A inclusão social da mulher transgênero nas olimpíadas e as consequências para o contexto feminino \(2022\).](#)

**Resumo:** A dissertação de Monique Krubniki aborda um tema contemporâneo e controverso dentro das ciências sociais aplicadas, o trabalho examina a participação de mulheres transgêneras nos Jogos Olímpicos, trazendo os impactos sociais, culturais e esportivos dessa inclusão. Primordialmente, a pesquisa se inicia contextualizando a evolução das políticas de inclusão transgênero no esporte, desde as primeiras regulamentações até as recentes diretrizes do Comitê Olímpico Internacional (COI), destacando os avanços na visibilidade e nos direitos das pessoas trans, ao mesmo tempo que discute as críticas e resistências enfrentadas. A dissertação avalia questões de justiça e equidade, questionando se a inclusão

---

de mulheres trans pode afetar a competitividade e a integridade das competições femininas, o que é uma das maiores questões levantadas pela sociedade contemporânea que reproduz discursos misóginos mascarados de proteção ao que seria justo na competição. Tendo um dos pontos centrais a análise das consequências biológicas e fisiológicas da transição de gênero, com foco na performance atlética, explorando estudos científicos sobre as diferenças físicas entre corpos cisgêneros e transgêneros, ponderando como esses fatores não influenciam na jogabilidade das mulheres. Além disso, se investiga a percepção de atletas, treinadores e público sobre a inclusão de mulheres transgênero nas olimpíadas, revelando uma diversidade de opiniões, abordando o papel das mídias na construção de narrativas sobre essa inclusão, identificando discursos de apoio e de oposição. A dissertação propõe um debate ético, questionando como a sociedade pode equilibrar a inclusão e a real justiça no esporte, não falácias mascaradas que disseminam discursos de ódio. Portanto, a autora sugere recomendações para políticas equitativas, defendendo a importância de mais pesquisas e debates para avançar no entendimento e na prática da abertura para mulheres transgênero no esporte olímpico, contribuindo para o debate sociocultural sobre a inclusão de atletas transgêneros, promovendo uma reflexão crítica sobre os valores de igualdade e respeito no contexto esportivo no Brasil.

[LEIZER, Victória. Mulheres na gestão do esporte no Brasil: desigualdades de gênero enfrentadas e combatidas por um coletivo plural \(2023\).](#)

**Resumo:** O texto "Mulheres na Gestão do Esporte no Brasil: Desigualdades de Gênero Enfrentadas e Combatidas por um Coletivo Plural" de Victória Leizer, orientado pelo Prof. Dr. Mauro Myskiw, aborda a questão das desigualdades de gênero na gestão esportiva no Brasil. A autora investiga as trajetórias e desafios enfrentados por mulheres nesse campo, utilizando uma abordagem sociológica engajada para destacar a importância de maior representatividade feminina na gestão esportiva. Leizer inicia sua pesquisa ressaltando que o esporte, enquanto fenômeno social, é marcado por diversas desigualdades, incluindo as de gênero. A predominância de homens na gestão esportiva é uma realidade que a pesquisa busca desafiar, propondo um olhar crítico sobre a necessidade de diversidade e inclusão. A autora utiliza um questionário online para coletar dados, promovendo um engajamento ativo das gestoras esportivas brasileiras na discussão sobre desigualdade de gênero. A pesquisa é fundamentada em uma vasta revisão bibliográfica que inclui autores e autoras que discutem

---

o esporte, gestão esportiva, e a opressão histórica contra as mulheres. Leizer argumenta que a gestão esportiva deve ser inclusiva e representativa, englobando as múltiplas vozes e experiências das mulheres. No entanto, ela também reconhece as limitações teóricas de algumas das referências utilizadas, principalmente as clássicas que, segundo a autora, mais limitaram do que contribuíram para sua escrita. Victória Leizer conclui que a gestão esportiva no Brasil precisa ser repensada para incluir mais mulheres em posições de liderança. A pesquisa demonstra que as mulheres, quando unidas e engajadas, conseguem construir críticas e ações significativas contra as desigualdades de gênero. A autora reforça a ideia de que a diversidade na gestão esportiva é essencial para um esporte mais acessível e inclusivo. Este trabalho é um chamado à ação, evidenciando a urgência de políticas e práticas que promovam a igualdade de gênero na gestão esportiva. A importância da representatividade feminina não é apenas uma questão de justiça social, mas também de melhorar a qualidade e a equidade no esporte. A abordagem crítica e engajada da autora serve como um modelo para futuras pesquisas e práticas na área, incentivando um ambiente esportivo mais diversificado e justo.

[LOPES, Larissa. Mulheres passaram 40 anos proibidas por lei de jogar futebol no Brasil \(2019\).](#)

**Resumo:** O texto "Mulheres passaram 40 anos proibidas por lei de jogar futebol no Brasil" revela um período marcante de discriminação institucionalizada contra as mulheres no esporte brasileiro. Durante a Era Vargas, o Decreto-Lei 3.199 de 1941 proibiu a prática de esportes que exigissem força, como o futebol feminino, alegando incompatibilidade com a "natureza feminina". Esta proibição, que vigorou até 1983, refletia uma visão patriarcal e limitadora do papel das mulheres na sociedade. A historiadora Giovana Capucim e Silva investigou esse período em seu mestrado, destacando que, apesar da proibição, as mulheres continuaram a jogar futebol em espaços informais, como várzeas e eventos de caridade. Seu livro, "Mulheres Impedidas: A proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo", explora como a resistência feminina desafiou tanto as normas estatais quanto os preconceitos sociais. As atletas enfrentam não apenas a repressão estatal, mas também o julgamento de familiares e amigos, que muitas vezes eram obstáculos ainda maiores. A regulamentação do futebol feminino em 1983 foi um avanço significativo, resultado da luta persistente das jogadoras e da crescente importância econômica do esporte. No entanto, os

---

efeitos da proibição ainda são sentidos. A falta de incentivo e patrocínio ao futebol feminino são reflexos de décadas de marginalização, evidenciando como políticas discriminatórias podem ter consequências duradouras e profundas. O texto sublinha a importância de reconhecer e combater as barreiras históricas e culturais que ainda limitam a participação das mulheres no esporte. A história das jogadoras que desafiaram a proibição é um testemunho de resistência e resiliência, e serve como inspiração para a luta contínua pela equidade de gênero no esporte. Para que o futebol feminino e outros esportes prosperem, é crucial que haja políticas públicas de incentivo, patrocínios e uma mudança cultural que valorize e reconheça as capacidades das mulheres. Em suma, o texto argumenta que a proibição histórica do futebol feminino no Brasil não apenas prejudicou gerações de atletas, mas também deixou um legado de desigualdade que precisa ser enfrentado com ações concretas e contínuas. A luta pela igualdade de gênero no esporte é parte de um movimento mais amplo por justiça e reconhecimento, que deve ser apoiado e promovido em todos os níveis da sociedade.

[MELO, Victor Andrade de. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro \(até 1910\) \(2007\).](#)

**Resumo:** Neste artigo, Melo busca de forma sistemática analisar a presença feminina no cenário esportivo da Cidade do Rio de Janeiro num contexto pré 1910. O autor realiza a escolha de localidade e temporalidade baseado no fato da Cidade ter sido a capital do país durante o período de criação de clubes estritamente com o caráter desportivo, caminhando desde o Turfe, passando pelo Remo, Hipismo, Cricket, Esgrima e a Luta Romana, finalizando com uma breve menção ao Futebol. Através da análise de jornais, Melo apresenta como o papel feminino no contexto era limitado aos lares e, no máximo (se fossem da elite), o letramento básico. Desta forma, é de se imaginar que a prática esportiva fosse restrita aos homens. Porém, desde 1850, com a disseminação do Turfe nos clubes da Zona Sul carioca, os mesmos começaram a influenciar a ida feminina às arquibancadas e a trabalhos auxiliares da prática. Com a revolução higienista do final do século XIX, o padrão de beleza foi modificado para o corpo mais esbelto e atlético, gerando novos ares para a presença feminina, que através dos rigorosos trajés de banho iam aos poucos conquistando o espaço, ganhando uma liberdade controlada e concedida. Com o Hipismo, Cricket e a Esgrima, a presença feminina já era comum nas arquibancadas e em práticas privadas, mas proibidas em competições



---

públicas, padrão completamente revertido pela Luta Romana, sendo um espetáculo da força, com mulheres fortes e distantes do padrão de beleza, sendo extremamente mal vistas pela aristocracia carioca. Desta forma, conclui-se que a presença feminina era diminuta, controlada e sempre atrelada a uma certa permissividade e serviência para com os homens.

MENDES, C. Mayara Maia; NUNES, Paula Chaves. [Descentramentos de gênero e sexualidade da mulher no esporte: debatendo com o cinema \(2014\).](#)

**Resumo:** O presente trabalho traz críticas em relação ao gênero e a sexualidade no esporte, principalmente voltados para o gênero feminino. Aprofundando o debate dentro do cinema e analisando as seguintes obras cinematográficas: “Offside” (2006), “Ela é o cara” (2006), “Time dos sonhos” (2009), “Driblando o destino” (2002) e “Gracie” (2007). O objetivo da pesquisa é compreender a relação de gênero e sexualidade vinculada a atleta mulher dentro do cinema contemporâneo sobre o prisma de corpo e eficiência, sendo uma pesquisa descritiva com caráter qualitativo. Iniciando com a introdução, a ideia é compreender as transformações dos elementos da cultura, em especial do esporte, considerando as representações como formas de códigos/senhas da compreensão do mundo e o cinema como portador desses códigos/senhas. É muito comum um pensamento heterocentrado em que qualquer homem que não tenha nenhuma ligação com o esporte, considerado um fazer masculino, é visto com aspectos afeminados de uma forma pejorativa, assim como as mulheres que tenham ligações com o esporte, considerado um fazer masculino, seja vista como “lésbica”. Entende-se aqui que a ligação entre sexualidade e gênero tem um caráter construtivo cultural. Porém, o descentramento dessas ligações com esses arquétipos de virilidade e delicadeza estão ganhando novos rumos nas últimas décadas e o esporte, mesmo com certas resistências, identifica esses descentramentos. Essa resistência vem se fortalecer dentro do esporte, no entendimento sobre a própria organização, separada em categorias e gêneros. O principal ponto é entender que neste estudo compreende-se o gênero como construção cultural do sexo, ou como condição social pela qual são identificados como masculino e feminino, englobando diferentes processos de produção de masculinidades e feminilidades. Adentrando os aspectos midiáticos, quando começaram a possibilitar espaços para a cultural homossexual, esta foi marcada pelos esteriótipos: gays afeminados e lésbicas masculinizadas. O cinema vem cada vez mais aumentando a sua produção que dialoga com a cultural homossexual, porém foi no cinema marginal e underground que a cultural tomou um

---

viés sem máscaras. As produções apreciadas nesta pesquisa foram selecionadas para a identificação de cenas que questionam o gênero e a sexualidade sobre personagens em ação esportiva e depois uma análise mais profunda sobre a experiência estética. A análise parte desde fichas técnicas organizadas em duas categorias: a primeira é composta pelos objetos e condições da experiência estética se dividindo nas seguintes subcategorias: foco narrativo; cenário e figurino; trilha sonora; câmera e fotografia; A segunda categoria de análise conta com os conteúdos e os efeitos da experiência estética, subdividida em: corpo e gênero; corpo e sexualidade; esporte e estigma; eficiência e descentramento; corpo e ética. Nos resultados alcançados, o estudo traz as análises feitas de cada obra supracitada. Dos cinco filmes analisados, os cinco trazem em seu foco narrativo, histórias contadas de forma objetiva, tendo como narrador o próprio autor do filme, não permitindo assim o aprofundamento nos pensamentos e nos sentimentos dos personagens de forma explícita. Dos cinco filmes, o esporte está no núcleo dos cenários e figurinos principais dos personagens. Quatro filmes trabalham com narrações da presença da mulher no futebol em países diferentes, apenas um é narrado no contexto do basquetebol e com apresentações ímpares nos figurinos por suas personagens se tratarem de alunas de uma escola de freiras, o que implica em restrições no formato de suas roupas de prática. Nesse último filme, tem-se a análise sobre a construção de gênero juntamente com a questão religiosa. O estudo traz esse olhar para o figurino, sobre a trilha sonora, a sonoplastia e o posicionamento das câmeras. Ao trabalhar com os indícios de atitudes presentes nos cinco filmes discutidos sobre corpo e ética, todos os filmes revelam atitudes antiéticas voltadas à agressão física ou verbalmente em relação às mulheres. É interessante constatar que os discursos narrativos do texto não demonstram explicitamente através de sentimentos e pensamentos, mas é possível ver através das histórias e ações das personagens a capacidade de cada uma lutar por esses espaços, principalmente as que se baseiam em fatos reais, pois, essas têm um poder maior de causar discussões e impactos na sociedade. Os poucos filmes que mostram o papel da mulher no esporte reflete a marginalização desse gênero, apesar das diversas realizações, e as produções que tratam dessa descentralização não apresentam grande interesse do público. Ainda os filmes que retratam os homens como heróis vendem mais, inclusive heróis dentro do esporte. Com o movimento feminista no início do século XX, os cenários começaram a mudar, repercutindo em maior presença para as mulheres. A questão de trabalhar o descentramento da mulher em lugares ditos masculinos aproximou discussões

---

sobre conceitos de gênero e sexualidade e revelou as diversas rupturas nas representações sociais ditas heteronormativas. Todos os filmes apresentados mostram a virilidade da mulher e a sua força para enfrentar desafios e conquistar os objetivos, pois essa “impossibilidade” da mulher adentrar o esporte é apresentada como um desafio e não como um problema. Essa inclusão da mulher dentro dos filmes revela a intenção em causar reflexões sobre a eficiência da mulher no esporte. A mídia é utilizada neste trabalho como ferramenta de presença cotidiana e deve ser reconhecida como estudo crítico sobre discussões da vida real.

MONTEIRO, Nathália da S.; NEPOMUCENO, Léo B. [Desigualdades de gênero no esporte: narrativas sobre o lugar da mulher no surfe \(2019\)](#).

**Resumo:** O estudo das desigualdades de gênero no esporte, com foco específico no surfe feminino em Fortaleza (CE), revela um campo repleto de complexidades e desafios. Os autores utilizam uma abordagem qualitativa para explorar como as mulheres surfistas percebem e enfrentam as desigualdades de gênero no contexto do surfe. Questões como masculinidade e feminilidade carregam uma forte carga cultural e simbólica que associa características de bravura, força e coragem a corpos masculinos. Essa associação cria um espaço em que as mulheres, frequentemente vistas como menos capazes ou inadequadas devido à percepção de fragilidade, enfrentam desafios significativos também na prática do surfe. O artigo fruto da pesquisa sobre o surfe feminino no Brasil, apoiado em dados levantados e analisados pelos autores, revela uma série de questões, como: motivações e influências na iniciação do surfe feminino; desafios psicológicos e desenvolvimento de habilidades; marginalização e machismo; desafios de gênero; e objetificação e estereótipos. Essas questões são profundas e multifacetadas, destacando a persistente dominação masculina e os desafios específicos enfrentados pelas mulheres na prática do esporte. O tempo decorrido desde a elaboração do estudo (2019) ainda é pequeno, e ainda são perceptíveis a dominação masculina e os preconceitos de gênero que moldam a experiência das mulheres no esporte. No entanto, cada vez mais essas questões estão sendo confrontadas por um movimento crescente de empoderamento e resistência. É fundamental, portanto, continuar a analisar e abordar essas questões, incentivando práticas mais inclusivas e desafiando as normas estabelecidas, para a construção de uma cultura esportiva mais equitativa e respeitosa para todos os gêneros e todos os esportes.

---

[MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização \(2000\).](#)

Resumo: Neste artigo Ludmila Mourão busca descrever como as representações sociais da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas evoluíram desde 1870 até 1950, período marcado pela exclusão das mulheres dessas práticas até a democratização gradual de seu acesso ao campo esportivo, culminando na primeira Olimpíada Feminina no Rio de Janeiro. Utilizando múltiplas abordagens, considera depoimentos de intelectuais, técnicas de entrevista semiestruturada com figuras emblemáticas do processo de emancipação feminina através do esporte, e documentos da mídia, especialmente os Jogos da Primavera organizados pelo Jornal dos Sports de 1949 a 1972. Estruturado em 6 partes: 1) Introdução; 2) Apresentando as Representações; 3) As forças culturais e a atividade físico-desportiva feminina; 4) Da educação moral, intelectual e física às ícones femininas do esporte; 5) Olimpíadas femininas nos anos 50 e 6) Considerações finais, o estudo, discute a evolução da participação da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas ao longo do século XX, partindo de uma época de segregação e representações negativas que limitavam sua participação a funções reprodutivas no lar. Destaca-se que o movimento higienista e a ideologia de eugenia contribuíram para uma gradual inclusão das mulheres no esporte, uma vez que enfatizava a saúde e a força física feminina para a reprodução de uma sociedade saudável. A partir dos anos 30, figuras como Maria Lenk e Yara Vaz desempenharam papéis significativos na alteração das representações sociais sobre a capacidade feminina no esporte. Os “Jogos da Primavera”, a partir dos anos 50, representaram um marco na democratização do esporte feminino no Brasil, proporcionando visibilidade e mudando representações restritivas. O estudo conclui que essa evolução contribuiu para uma sociedade mais justa e cidadã, diminuindo disparidades de gênero e étnicas, e promovendo uma visão mais inclusiva da cidadania no século XX. Entretanto, as representações sociais nucleares persistem de forma mais robusta, mantendo o espaço esportivo como predominantemente masculino em termos de cargos, reconhecimento, prestígio na mídia, patrocínio e retorno financeiro.

[MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo \(2008\).](#)

Resumo: O estudo, realizado em 2005, de Ludmila Mourão e Márcia Morel, examina as

---

narrativas da mídia impressa brasileira, especificamente jornais e revistas, abrangendo o período de 1930 a 2000, sobre o futebol feminino (FF). As autoras buscam entender como essas narrativas influenciam e moldam a percepção pública e a identidade do futebol feminino no contexto esportivo nacional. Revela que a mídia impressa frequentemente retrata o futebol feminino através de lentes estereotipadas e limitadoras, utilizando metáforas de fragilidade, estética, masculinização e resistência. Aponta que tais representações contribuem para a marginalização e não cooperam para uma contínua consolidação do futebol feminino como parte integral da cultura esportiva brasileira. Apesar da maior visibilidade atual, as narrativas continuam a compará-lo de maneira desfavorável com o futebol masculino, perpetuando a ideia de que o esporte feminino não pertence ao mesmo patamar de importância e valor. O estudo destaca também, que as narrativas da mídia impressa funcionam como um reflexo e um construtor da identidade feminina no contexto esportivo nacional. Contudo, essas narrativas também atuam como barreiras, reforçando estereótipos, polêmicas e normatizações que limitam a aceitação e a participação das mulheres nos campos de futebol. Sugere ainda, que a equidade no campo esportivo requer não apenas maior visibilidade, mas também uma mudança substancial nas narrativas e interesses midiáticos, para que o futebol feminino seja valorizado, independentemente de vínculos e comparações com seu equivalente masculino.

[MOURÃO, Ludmila. Transgêneros no Esporte: uma comparação entre Brasil e Canadá \(2019\).](#)

**Resumo:** Aborda a inclusão de atletas transgênero no esporte a partir de uma perspectiva comparativa entre os dois países, analisando as políticas, regulamentações e percepções sociais que envolvem a participação das atletas no contexto esportivo brasileiro e canadense, destacando as diferenças e semelhanças entre ambos os cenários. Inicialmente o texto traz uma revisão histórica das regulamentações esportivas que afetam atletas transgêneros, destacando marcos importantes e mudanças nas diretrizes internacionais. No Brasil, observa-se uma maior resistência e falta de políticas claras, contrastando com o Canadá, onde há maior aceitação e estruturas regulamentadoras mais definidas para inclusão de pessoas transgênero no esporte. Mourão utiliza estudos de caso com atletas, treinadores e gestores esportivos dos dois países para ilustrar como as políticas são implementadas na prática e quais são as consequências para os indivíduos e para as competições. Ela discute questões de identidade, equidade e justiça no esporte, questionando se as regras atuais são

---

adequadas para garantir a inclusão nas competições. Também é abordado as repercussões sociais das políticas inclusivas no esporte, onde foi utilizado o documento do Centro Canadense de Ética esportiva a fim de comparar as políticas de inclusão no esporte de atletas LGBTQIAPN+, analisando como a mídia brasileira e canadense trata o assunto, revelando que, enquanto no Canadá há um discurso mais inclusivo e de apoio, no Brasil ainda prevalece um discurso mais polarizado e frequentemente discriminatório. Portanto, conclui-se que, embora haja avanços significativos em ambos os países, o Canadá se destaca por suas políticas mais progressistas, que servem como modelo para outros países, se fazendo a necessidade de maior diálogo e pesquisa no Brasil para avançar na inclusão de atletas transgênero de maneira equitativa, que acolha essas pessoas dentro e fora das arenas, evidenciando a importância de políticas inclusivas e destacando a necessidade de uma abordagem equilibrada que considere tanto a justiça competitiva quanto os direitos dos indivíduos transgêneros.

[NASCIMENTO, Paulo Henrique do. Mulheres no pódio: as histórias de vida das primeiras medalhistas olímpicas brasileiras \(2012\).](#)

**Resumo:** A dissertação de Paulo Henrique do Nascimento, intitulada "Mulheres no pódio: as histórias de vida das primeiras medalhistas olímpicas brasileiras", é um estudo aprofundado sobre a trajetória das primeiras mulheres brasileiras a conquistar medalhas nos Jogos Olímpicos. A obra se concentra em seis atletas que participaram dos Jogos de Atlanta em 1996, explorando suas histórias de vida e os desafios enfrentados em suas carreiras esportivas. Nascimento adota uma abordagem histórica e sociológica para entender a participação feminina no esporte olímpico brasileiro. O autor traça uma linha do tempo que vai desde a exclusão das mulheres na primeira edição dos Jogos Olímpicos modernos, em 1896, até a conquista das primeiras medalhas por brasileiras em 1996. Esse percurso é essencial para compreender as barreiras institucionais e culturais que dificultaram a inclusão das mulheres no esporte de alto rendimento no Brasil. Um ponto forte do trabalho é a utilização de histórias de vida como método de investigação. Esse enfoque permite uma compreensão mais íntima e detalhada das experiências individuais das atletas, destacando não apenas suas conquistas, mas também os obstáculos enfrentados, como a falta de recursos e o preconceito institucionalizado. Nascimento argumenta que essas histórias revelam um padrão de resiliência e combatividade que foi crucial para a superação das

---

adversidades e a eventual conquista das medalhas. Nascimento critica a lógica de cordialidade presente na sociedade brasileira, que muitas vezes desvaloriza a combatividade das mulheres e naturaliza as desigualdades de gênero no esporte. Ele aponta que, diferentemente do movimento feminista em outros continentes, que se pautou pelo embate direto, o feminismo no Brasil adotou uma postura mais conciliatória. Essa abordagem, segundo o autor, contribuiu para a demora na conquista de reconhecimento e igualdade no esporte olímpico. O autor também destaca a importância do profissionalismo no esporte feminino, que começou a ganhar força na década de 1990. As modalidades de vôlei e basquete, nas quais as atletas brasileiras conquistaram suas primeiras medalhas, já haviam experimentado um grau de profissionalização entre os homens, o que facilitou a transição para o profissionalismo feminino. Esse contexto foi fundamental para que as atletas pudessem se dedicar integralmente ao esporte e alcançar um desempenho de nível olímpico. O estudo de Nascimento traz à tona questões importantes sobre a participação feminina no esporte e a necessidade de políticas públicas que promovam a igualdade de gênero. As histórias das medalhistas de Atlanta não são apenas relatos de sucesso individual, mas também narrativas que evidenciam a luta coletiva das mulheres por reconhecimento e respeito no esporte. Em suma, a dissertação "Mulheres no pódio: as histórias de vida das primeiras medalhistas olímpicas brasileiras" é uma contribuição valiosa para a historiografia do esporte e para os estudos de gênero. Ao documentar e analisar as trajetórias dessas pioneiras, Nascimento não apenas celebra suas conquistas, mas também oferece uma crítica contundente às estruturas sociais que ainda limitam a plena participação das mulheres no esporte.

**NORONHA, Marcelo Pizarro. [Futebol é coisa de mulher! Um estudo etnográfico sobre o lugar feminino no futebol clubístico](#) (2010).**

**Resumo:** A tese aborda de maneira profunda a inserção e a participação das mulheres no futebol, um espaço tradicionalmente masculino, adotando uma abordagem etnográfica para explorar as dinâmicas sociais, culturais e de gênero no contexto do futebol clubístico, contextualizando a histórica de exclusão das mulheres do futebol e a luta pela inclusão nesse ambiente. Através de observações de campo, entrevistas e participação em atividades relacionadas ao futebol feminino, se é documentado as experiências, desafios e conquistas das mulheres que se dedicam a esse esporte, revelando a persistência de preconceitos

---

estruturais, mas também destacando o crescente reconhecimento e valorização do futebol feminino. A análise das relações de poder e das hierarquias de gênero presentes nos clubes de futebol é um aspecto central da pesquisa, onde se examina como essas estruturas impactam a visibilidade, o apoio e as oportunidades oferecidas às mulheres no futebol, também é pautado as estratégias utilizadas por jogadoras, treinadoras e outras profissionais para desafiar essas hierarquias, buscando espaços de resistência dentro do ambiente clubístico. Outro aspecto levantado é o papel da mídia na construção e perpetuação de estereótipos de gênero no futebol, mostrando como a cobertura midiática influencia a percepção pública do futebol feminino, a mídia tanto pode reforçar preconceitos quanto atuar como uma aliada no desenvolvimento da igualdade de gênero no esporte, também são abordadas as políticas institucionais do futebol feminino, analisando programas de incentivo, investimentos e ações afirmativas desenvolvidas por clubes, federações e outras organizações, destacando a importância de políticas inclusivas e de longo prazo para o desenvolvimento sustentável do futebol feminino. Logo, é reafirmada a necessidade de uma mudança cultural e estrutural para garantir a plena inclusão das mulheres no futebol, a transformação do futebol em um espaço verdadeiramente inclusivo depende tanto de mudanças institucionais quanto de uma maior conscientização da sociedade.

[OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo; TUBINO, Manoel J. G. A inserção histórica da mulher no esporte \(2008\).](#)

**Resumo:** O artigo "A inserção histórica da mulher no esporte" de Gilberto Oliveira, Eduardo H.L. Cherem e Manoel J.G. Tubino aborda a trajetória das mulheres no esporte, destacando as dificuldades e conquistas ao longo dos séculos. O texto destaca a exclusão feminina nas competições esportivas desde a Grécia Antiga até o século XIX, onde as mulheres foram impedidas de participar das atividades esportivas devido a razões socioculturais e fisiológicas alegadas pela sociedade da época. O artigo também enfatiza a luta de figuras importantes, como a francesa Alice Milliat, que reivindicou a inclusão das mulheres nas competições olímpicas, especialmente no atletismo, através da Federação Esportiva Feminina Internacional. Essa batalha culminou na inclusão gradual das mulheres nos Jogos Olímpicos, começando com modalidades consideradas "aceitáveis" para a presença feminina, como o golfe e o tênis, nos Jogos de Paris de 1900. No Brasil, o processo de exclusão seguiu padrões internacionais, mas também contou com figuras importantes como Maria Lenk, que se



---

tornou um símbolo da representação feminina no esporte. Portanto, o artigo de Oliveira, Cherem e Tubino apresenta um panorama detalhado e informativo sobre a história da inserção das mulheres no esporte, revelando as barreiras enfrentadas e as vitórias alcançadas ao longo dos séculos. A exclusão das mulheres das competições esportivas é um reflexo das estruturas patriarcais que dominavam (e ainda dominam em muitas áreas) a sociedade, onde a participação feminina era vista como uma ameaça à masculinidade e à ordem social estabelecida. A análise dos autores destaca que a justificativa para a exclusão feminina baseava-se em argumentos fisiológicos e socioculturais que careciam de fundamento científico, mas que serviam para perpetuar a desigualdade de gênero. A luta de mulheres como Alice Milliat e Maria Lenk é um testemunho da resistência e da determinação feminina em romper essas barreiras e conquistar espaços nos quais eram sistematicamente marginalizadas. A inclusão das mulheres no esporte, embora gradual e limitada inicialmente a modalidades "aceitáveis", marcou o início de uma transformação importante na percepção do papel feminino no esporte. Esse processo é essencial não apenas para a equidade de gênero, mas também para o desenvolvimento do esporte como um todo, que se enriquece com a diversidade de participação e perspectivas. Entretanto, é crucial reconhecer que, apesar dos avanços, a luta pela igualdade no esporte continua. Questões como a disparidade de salários, a falta de visibilidade e o assédio ainda são desafios presentes. O artigo, ao delinear a trajetória histórica das mulheres no esporte, serve como um chamado à ação para que a sociedade continue a apoiar e promover a inclusão e a igualdade de gênero em todas as esferas esportivas.

[ONU MULHERES BRASIL. Igualdade e Inclusão da Mulher no Esporte: mapeamento das organizações esportivas nacionais e internacionais \(2022\).](#)

**Resumo:** A cartilha “Igualdade e Inclusão da mulher no esporte” traz importantes dados e referências de entidades nacionais e internacionais que trabalham com ações, normas e incentivos para que haja uma aceleração cada vez maior em relação à inclusão e à igualdade de gênero no esporte. Dito isso, esse documento inicia com uma apresentação que reflete como que o esporte, durante anos, foi sexista, dificultando a participação de meninas e mulheres e como que estão acontecendo ações, desde a Carta Olímpica até um Projeto de Revisão da Igualdade de Gênero que implementa mudanças e se compromete com princípios e valores, trazendo cinco temas-chaves : esporte, representação, financiamento, governança

---

e avaliação. As ações deste projeto caminham junto com o movimento Geração de Igualdade da ONU Mulheres, visando esforços comuns para o empoderamento de meninas e mulheres e a promoção da igualdade de gênero, estando alinhados com os seis princípios organizacionais. Logo após a apresentação, a presente cartilha reflete sobre o contexto atual do esporte, principalmente pós pandemia causada pelo vírus da COVID-19. Durante a pandemia, pôde-se ter uma visão ainda mais abrangente sobre a desigualdade social, racial e econômica. Com o término da pandemia, o esporte tomou um lugar importante em relação a transformação social e a inclusão de gênero. A partir daí, novas ações foram sendo tomadas para que essa mudança se tornasse real, como colocado na Agenda 2030 para o Desenvolvimento sustentável da ONU que é composta por metas que fazem parte dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis e tem o princípio de “não deixar ninguém para trás”. Além das melhorias para tornar o esporte um lugar mais inclusivo para meninas e mulheres é importante ressaltar que o trabalho também está sendo feito pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) para tornar o esporte um lugar seguro, avançando neste caminho por meio de implementações de novas medidas e projetos. A atual Agenda 2020+5 do COI, desenvolve 15 recomendações para assegurar maiores solidariedade, digitalização e sustentabilidade, credibilidade reforçada e atenção redobrada no papel do esporte na sociedade, reforçando que o esporte é um grande aliado na transformação social. Ações como o Curso de Prevenção e Enfrentamento do Assédio e Abuso no Esporte (PEAAE) produzido pelo Instituto Olímpico Brasileiro (IOB) e as cartilhas informativas de prevenção ao assédio e abuso no esporte fazem com que seja realidade essa luta e o apoio à igualdade de gênero. Para além da inclusão no esporte, o documento traz a importância das mulheres estarem em cargos de liderança, apontando dados que mostram que apenas 28% das Federações Internacionais cumprem a meta da COI que é ter 30% de mulheres em cargos de liderança. Apesar da grande diferença, em geral todas avançam timidamente, porém às entidades em níveis internacionais possuem mais planejamento estratégicos, tendo, assim, ações mais aplicadas. A cartilha faz uma análise em relação aos estatutos e ações para aumentar a inclusão e a igualdade de gênero nas Federações, com base nessa análise apenas a Federação Internacional de Natação – FINA não tem nenhum estatuto com uma diretriz, um planejamento, política ou ação para a promoção da igualdade de gênero. Ter uma diretriz escrita é extremamente importante para o enfrentamento contra a discriminação de gênero no esporte. Já em relação a Confederação Brasileira Olímpica, apenas 29%, isso quer dizer 10

---

entidades esportivas, cumprem a meta do COI de inclusão mínima de 30% para o comprometimento com a igualdade de gênero e apenas a Confederação Brasileira de Skate – CBSK não possui estatuto para a inclusão e igualdade de meninas e mulheres no esporte. A conclusão do documento ressalta a importância de normas, planos de ações e estratégias de Federações Internacionais e Confederações Nacionais para o crescimento da inclusão e a promoção da igualdade de gênero no esporte, sendo esse espaço também uma fonte de histórias inspiradoras, um espaço seguro e acolhedor para meninas e mulheres. Entende-se com tudo isso que há ainda um caminho muito árduo para se percorrer, que as Federações Internacionais avançam em planejamento mais estratégicos tendo melhores resultados e que precisa-se de muito trabalho ainda para conseguir alcançar a equidade e a igualdade de gênero, porém, em um âmbito geral, todas as organizações estão caminhando. É necessário ver a importância de se criar estatutos que comprovem essa lei e continuem criando projetos que se alinham ao propósito. As mudanças ocorrem quando se tem dados e análises sobre o comportamento das organizações em relação a esse comprometimento. Essa cartilha é um excelente documento para se ter uma noção dos passos que cada organização está dando para evoluir enquanto sociedade e conseguir um esporte mais justo, onde haja igualdade entre os gêneros e espaços cada vez maiores para as meninas e as mulheres crescerem. O passado do meio esportivo é algo que causa indignação em meninas e mulheres por ver tantas proibições e discriminações, porém o presente está mudando para que o futuro possa contar como o esporte está sendo um lugar cada vez mais seguro e acolhedor para qualquer pessoa que deseja adentrar esse espaço, pois, todas as pessoas têm direito de se inserir na prática esportiva.

[SCHIAVON, Laurita Marconi. Ginástica Artística feminina e História Oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos \(1980-2004\) \(2009\).](#)

**Resumo:** A tese da pesquisadora Laurita Schiavon discute a participação das atletas da Ginástica Artística feminina nas olimpíadas, entre os anos de 1980 a 2004. É utilizado o método da história oral, com a entrevista de 10 ex-atletas. Outrossim é apresentada a história deste esporte no âmbito mundial e nacional, os aspectos envolvidos na preparação física e psicológica das atletas, as condições de infra-estrutura dos locais de treino, o impacto das lesões no desempenho. Um dos objetivos da autora é evidenciar os motivos da melhora de desempenho técnico das atletas brasileiras entre os anos de 1999 e 2009 e quais foram as

---

ações tomadas que influenciaram nesse quadro. Para tanto, a pesquisadora também propõe investigar o processo de formação de ginastas no Brasil e a necessidade de popularização deste esporte no país. Outra frente da pesquisa busca resgatar a história de vida das ex-atletas, abordando o seu processo de formação, desafios, conquistas e valorização do esporte.

[SILVA, André Luis dos S.; NAZÁRIO, Patrícia A. Mulheres atletas de futsal: estratégias de resistência e permanência no esporte \(2018\).](#)

**Resumo:** O artigo em forma de narrativa, apresenta o desenvolvimento e a luta por visibilidade do futsal feminino no Brasil, utilizando a trajetória da equipe de futsal feminino da Sociedade Esportiva Recreativa e Cultural Chimarrão como um exemplo central. Este, que mesmo sendo um esporte no qual o Brasil se destaca internacionalmente, enfrenta desafios de visibilidade e recursos, especialmente no contexto feminino, onde as condições são ainda mais precárias em comparação ao masculino. Como exemplo dessa perspectiva de falta de valorização é lembrada a decisão da Confederação Brasileira de Futsal de não enviar a seleção feminina ao Mundial de 2014 por falta de verba, apesar de seu histórico vitorioso. Situação essa, reflexo de um cenário mais amplo de desvalorização e negligência do esporte feminino. A história do futsal feminino é recente, com organizações formais começando apenas no final dos anos 1990 e início dos anos 2000. O primeiro campeonato brasileiro feminino ocorreu em 2002, enquanto os homens já competiam internacionalmente desde a década de 1960. No Rio Grande do Sul, houve tentativas iniciais de organização de equipes femininas nos anos 1980, mas muitas dessas iniciativas não se sustentaram a longo prazo. Historicamente, as atletas de futsal têm sido marginalizadas, enfrentando preconceitos e limitações impostas pelas normas de gênero que associam a prática esportiva à masculinidade. As jogadoras do Chimarrão desenvolveram estratégias de resistência, investindo na qualidade técnica, criando espaços pedagógicos para meninas e participando de eventos sociais, a fim de construir uma rede de visibilidade e apoio comunitário. Essa visibilidade, por sua vez, atrai patrocinadores e torcedores, elementos essenciais para a manutenção e sucesso de uma equipe competitiva. Contudo, ao buscarem reconhecimento e apoio, essas atletas acabam se submetendo a normas de conduta que reforçam certos valores éticos e comportamentais. Para serem aceitas e valorizadas pela comunidade de Estância Velha, elas tiveram que adotar comportamentos considerados "bem comportados",

---

carismáticos e éticos, atualizando um contrato social que lhes permitiu resistir às normativas de gênero em alguns aspectos, mas não em todos. Isso também as tornavam sujeitas a um processo de vigilância e regulação constante de suas práticas e identidades. Apesar das adversidades, a organização, a persistência e a busca por alternativas criativas permitiram que o futsal feminino no Brasil, exemplificado pelo Chimarrão, conquistasse reconhecimento e respeito. Devemos considerar a importância de suporte institucional e comunitário para a legitimação e valorização do esporte feminino, visto que ainda, no século XXI, há um longo caminho a ser percorrido para alcançar a igualdade de condições e oportunidades entre os gêneros no esporte. Por fim, os autores evidenciam que o esporte não é apenas uma prática técnica e tática, mas também um campo de disputas simbólicas e representações sociais.

[SOARES, Carmen Lúcia. As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo \(Brasil, 1920-1940\) \(2011\).](#)

Resumo: Em tal artigo, Soares apresenta uma breve contextualização sobre a história das roupas, buscando realizar uma aproximação com o uso de roupas específicas para determinadas práticas esportivas. Realizando uma análise de revistas de época (1920-1940), tanto internacionais quanto de produção brasileira, o autor desenvolve seu argumento em três pilares: conforto; estética; performance. Desta forma, Soares afirma que a vestimenta diz muito sobre o local de origem do indivíduo, seu sexo, religião, ética, política ou até mesmo sobre seu cotidiano. A roupa seria portanto, uma forma de educação do corpo, sendo impossível o mesmo falar sem artifícios, tal educação passa também por um aspecto visual, sendo crucial para a sua visão e conforto, mas também para a visão do outro, abrangendo a esfera da moralidade. O autor menciona o fato de como através da semelhança do vestuário, conseguimos pressupor uma mesma ocupação: “O modo de andar, a cadência, o ritmo de andar, inegavelmente homens vestidos de modo semelhante comportam-se de modo relativamente semelhante”. Realizando uma interlocução com a questão sexual, Soares aponta como a prática de esportes como o ciclismo, o tênis e até mesmo o futebol trouxeram esse questionamento de vestimenta feminina para a sociedade. Possuindo argumentos contrários ou a favor à prática esportiva feminina, mas de um modo geral havia uma tendência a aceitar. Porém regando a vestimenta com uniformes apropriados, limpos e folgados que protegessem o corpo mas que não embaraçasse a amplitude dos movimentos.

---

[WOOD, David. \*The beautiful game? Hegemonic masculinity, women and football in Brazil and Argentina\* \(2018\).](#)

**Resumo:** Partindo da constatação de que o futebol é o esporte mais popular na maioria dos países da América Latina, e portanto, possui uma estreita associação com o conceito de nacionalidade marcadamente de gênero em grande parte da região o que resultou no seu domínio das narrativas na imprensa escrita e eletrônica ao longo dos nos últimos cem anos. Assim, esse esporte consolidou-se como um fortuito objeto de estudo para pesquisas no campo da história, sociologia, antropologia e literatura, especialmente em países como Argentina e Brasil, mas a maioria das publicações concentra-se inteiramente no jogo praticado por homens. Somente nas últimas décadas o futebol feminino vem ganhando algum destaque nas coberturas jornalísticas e produções acadêmicas. O autor sublinha o protagonismo brasileiro no campo do futebol como um discurso também das mulheres. Nesse sentido, empreende uma análise de como a prática do futebol pelas mulheres na América Latina é parte integrante dos padrões históricos em torno do desempenho dos papéis de gênero e também capaz de oferecer um panorama de formas como o poder, simbólico e político, está sujeito aos processos de negociação. O estudo que se debruça sobre o envolvimento das mulheres como espectadoras e jogadoras no Brasil e na Argentina, desde o início do século XX, vê o futebol como um campo em que a construção de identidades de gênero, pessoais e nacionais, pode ser espaço de contestação. Mais recentemente, a presença crescente de jogadoras, escritoras, jornalistas e acadêmicas sugere que a que a agência feminina através do futebol na América Latina é um objetivo cada vez mais realista. Concluem afirmando que o futebol feminino no Brasil e na Argentina pode revelar as formas como esse processo de contestação está em curso há um século e é um campo que tem muito a oferecer aos debates em curso sobre as formas como as subjetividades individuais e as identidades nacionais são construídas nos termos em termos de masculinidades hegemônicas, ao mesmo tempo que tem, sem dúvida, as mulheres no esporte têm um amplo papel a desempenhar em relação à descolonização de tais questões.

[TANON, Luciane Maria M. \*Atletas Paralímpicas Brasileiras: esporte, ensaio e histórias\* \(2021\).](#)

**Resumo:** A autora realiza uma pesquisa fundamentada na metodologia da história oral com entrevistas realizadas com atletas femininas paralímpicas, abordando suas histórias de vida, trajetória e inserção no mundo do esporte. Os relatos orais desta pesquisa foram feitos ao Observatório Paralímpico e para o Comitê Paralímpico Brasileiro, entre os anos de 2015 a 2018. Algumas das atletas entrevistadas foram: Márcia Malsar, do atletismo; Ana Carolina Duarte, do goalball; Roseane Ferreira dos Santos, arremessadora de peso, com a conquista de duas medalhas de ouro; Ádria Rocha Santos, velocista que possui deficiência visual e conquistou duas medalhas de ouro, nos 100m e 200m e uma de prata nos 400m rasos. Os relatos acerca das histórias de vidas destas atletas apresenta as deficiências destas mulheres e como elas enfrentaram as barreiras do preconceito e a superação dos seus limites para conquistar uma vaga paralímpica. A autora também destaca a participação das mulheres nas

---

competições e que na modalidade do goalball, a primeira participação em edição dos Jogos Paralímpicos foi feminina, em Atenas no ano de 2004. A atleta Ana Carolina Duarte, possui deficiência visual e apresenta seu relato acerca desta participação, tendo sido a atleta mais jovem da equipe. A intenção de construir o texto em formato de relatos possibilitou a aproximação com o sujeito objeto da pesquisa e buscou reforçar o importante papel desempenhado pelas mulheres com deficiência na busca pela valorização da pessoa com deficiência, combatendo o preconceito.

TRALCI FILHO, Marcio Antonio; RUBIO, Katia. [Between the confrontation and the concession: the identities of Brazilian Olympic female athletes \(2012\).](#)

**Resumo:** O artigo tem por objetivo analisar a construção das identidades das atletas olímpicas brasileiras tanto no cenário olímpico mundial quanto no contexto social brasileiro, a partir da descrição e da análise dos discursos das histórias de vida de mulheres protagonistas em Jogos Olímpicos. Na perspectiva dos autores, a história da relação entre a mulher e o esporte no Brasil é, inicialmente, marcada por proibições e regulamentações que, posteriormente, são deslocadas para uma exploração do corpo feminino em seus aspectos sensuais. Nesse sentido, o esporte feminino continuou a ser um campo de mediação e exercício da masculinidade por conta dessa objetificação constante dos corpos. As narrativas das atletas olímpicas são analisadas à luz do referencial teórico do campo dos estudos culturais, mais especificamente com as abordagens de Stuart Hall sobre a identidade cultural na pós-modernidade. O estudo indica que, apesar da crescente inclusão das mulheres em várias modalidades, não se tem assistido a uma vontade de repensar os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres no esporte. Os autores também chamam a atenção para o fato de que essa inclusão não tenha ocorrido de forma tão conflituosa em outros países, traçando alguns paralelos com a história do movimento feminista brasileiro. Algumas mulheres atletas afirmam em seus discursos ser indistinguível a separação entre a vida de atleta e a vida de mulher, pois, apesar de serem atletas, nunca deixam de serem mulheres e afirmam que se sentem desconfortáveis em atuar em um campo predominantemente masculino. Os autores concluem afirmando que, a partir da análise dos processos de formação da identidade dessas atletas, muitas mulheres atletas perdem sua “ancoragem estável no mundo social” ao transgredirem instituições e normas sociais quando praticam esportes de alto rendimento, sofrendo uma “crise de identidade” que surge quando são

---

obrigadas a lidar com as tensões dos treinos, participação em competições profissionais e a também cumprir os papéis sociais tradicionalmente relegados às mulheres. No entanto, a fragmentação das identidades não é impedimento para essa participação das atletas, muito menos é questionada e problematizada por elas. Por vezes, a pluralidade identitária é reforçada pelos discursos. Assim, os autores consideram que as atletas olímpicas brasileiras têm múltiplas identidades e essas razões possuem sustentação histórica e política na sua construção. Desse modo, o artigo considera que, mesmo após a relativa conquista de um espaço público para as mulheres, um dos aspectos mais significativos é a referência de que elas continuam a pisar num campo masculinizado. Os autores também afirmam que não pode ser desconsiderado o fato de que há atletas que começam a perceber como as questões de gênero são atravessamentos ao campo esportivo, indicando para possíveis articulações de movimentos de protesto contra a desigualdade tanto no incentivo financeiro quanto da relevância dos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres.

### 3.2 FONTES POR EIXO TEMÁTICO:

#### 3.2.1 Trajetória:

BARREIRA, Cristiano R. A.; OLIVEIRA, Marcelo Alberto de; TELLES, Thabata C. B. [Mulheres brasileiras nos esportes de combate Olímpicos: uma discussão através das histórias de vida \(2021\)](#).

BARREIRA, Júlia. [Mulheres em cargos de liderança no esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto? \(2021\)](#).

BRASIL. Senado Federal. [Comissão Parlamentar Mista de Inquérito: CPI da mulher \(1978, v. 2\)](#).

BRASIL. Senado Federal. [Mulheres no esporte: pesquisa sobre equidade de gênero \(2021\)](#).

BURTON, Laura J. [Underrepresentation of women in sport leadership: a review of research \(2015\)](#).

COSTA, D. Margaret; GUTHRIE, Sharon Ruth. [Women and sport: interdisciplinary perspectives \(1994\)](#).



---

DRINKWATER, Barbara L. [Women in Sport \(2000\)](#).

ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. *Futebolera: a history of women and sports in Latin America* (2019).

FARIAS, Cláudia Maria de. [Os jogos femininos e a experiência liberal-democrática no Brasil \(1946-1964\) \(2011\)](#).

FARIAS, Cláudia Maria de. [Sonhos, lutas e conquistas: projeção e emancipação social das mulheres brasileiras nos esportes 1932-1979 \(2012\)](#).

FERREIRA, Heidi J.; SALLES, José Geraldo C.; MOURÃO, Ludmila; MORENO, Andrea. [A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil \(2013\)](#).

FERREIRA, Heidi J.; SALLES, José Geraldo C.; MOURÃO, Ludmila. [Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil \(2015\)](#).

FIGUEIRA, Maria Luiza M.; ALMEIDA, Thais R. de. [Mulheres praticantes de skate e de rugby no Brasil: histórias a serem narradas \(2006\)](#).

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. [“Quando você é excluída, você faz o seu”: mulheres e skate no Brasil \(2013\)](#).

GOELLNER, Silvana V. [Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história \(2005\)](#).

GOELLNER, Silvana V. [Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades \(2005\)](#).

GUIMARÃES, Júlia M. L.. [Skate para falar delas: os atravessamentos de gênero na recepção via Twitter da participação de Rayssa Leal nas Olimpíadas \(2023\)](#).

HARGREAVES, Jennifer. *Sporting females: Critical issues in the history and sociology of women's sport* (2002).

KNIJNIK, Jorge. [Visions of gender justice: Untested feasibility on the football fields of Brazil \(2012\)](#).

LEIZER, Victória. [Mulheres na gestão do esporte no Brasil: desigualdades de gênero enfrentadas e combatidas por um coletivo plural \(2023\)](#).

- 
- LOPES, Larissa. [Mulheres passaram 40 anos proibidas por lei de jogar futebol no Brasil \(2019\)](#).
- MELO, Victor Andrade de. [Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro \(até 1910\)](#) (2007).
- MONTEIRO, Nathália da S.; NEPOMUCENO, Léo Barbosa. [Desigualdades de gênero no esporte: narrativas sobre o lugar da mulher no surfe](#) (2019).
- MOURÃO, Ludmila. [Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização](#) (2000).
- MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. [As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo](#) (2008).
- NASCIMENTO, Paulo Henrique do. [Mulheres no pódio: as histórias de vida das primeiras medalhistas olímpicas brasileiras](#) (2012).
- NORONHA, Marcelo Pizarro. [Futebol é coisa de mulher! Um estudo etnográfico sobre o lugar feminino no futebol clubístico](#) (2010).
- OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo; TUBINO, Manoel J. G. [A inserção histórica da mulher no esporte](#) (2008).
- ONU MULHERES BRASIL. [Igualdade e Inclusão da Mulher no Esporte: mapeamento das organizações esportivas nacionais e internacionais](#) (2022).
- SILVA, André Luis dos S.; NAZÁRIO, Patrícia A. [Mulheres atletas de futsal: estratégias de resistência e permanência no esporte](#) (2018).
- SCHIAVON, Laurita Marconi. [Ginástica Artística feminina e História Oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos \(1980-2004\)](#) (2009).
- WOOD, David. [The beautiful game? Hegemonic masculinity, women and football in Brazil and Argentina](#) (2018).
- TRALCI FILHO, Marcio Antonio; RUBIO, Katia. [Between the confrontation and the concession: the identities of Brazilian Olympic female athletes](#) (2012).

---

### 3.2.2 Corporalidade:

ADELMAN, Miriam. [Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina \(2003\)](#).

MENDES, C. Mayara Maia; NUNES, Paula Chaves. [Descentramentos de gênero e sexualidade da mulher no esporte: debatendo com o cinema \(2014\)](#).

SOARES, Carmen Lúcia. [As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo \(Brasil, 1920-1940\) \(2011\)](#).

### 3.2.3 Inclusão de pessoa com deficiência:

ALVES, Isabella dos S. [A trajetória de mulheres paralímpicas brasileiras a partir dos estudos feministas da deficiência \(2024\)](#).

KRAHENBÜHL, Tathiane; OLIVEIRA, Gabrielle; ALVES, Isabella; ALVES, Maria. [A carreira esportiva de mulheres paralímpicas: o caso da seleção brasileira de voleibol sentado \(2022\)](#).

TANON, Luciane Maria M. [Atletas Paralímpicas Brasileiras: esporte, ensaio e histórias \(2021\)](#).

### 3.2.4 Inclusão da pessoa LGBTQIAPN+:

BATISTA, Guilherme B.; CAMARGO, Wagner X. de. [Regimes de controle no esporte: das mulheres aos corpos trans/intersexo \(2020\)](#).

DAVOLI, Ana Laura; DA SILVA, Tais Carolini Ribeiro. [Turismo de eventos esportivos como forma de inclusão da comunidade LGBTQIA+ \(2022\)](#).

KRUBNIKI, Monique. [A inclusão social da mulher transgênero nas olimpíadas e as consequências para o contexto feminino \(2022\)](#).

MOURÃO, Ludmila. [Transgêneros no Esporte: uma comparação entre Brasil e Canadá \(2019\)](#).

---

### 3.2.5 Inclusão étnica:

ALVES, Catarina Messias; SOUZA, Vania de Fátima M. de. [Da medalha ao pódio da vida: a construção da identidade e representatividade da mulher negra no esporte \(2024\).](#)

### 3.3 FONTES POR VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO:

#### 3.3.1 Dissertação:

KRUBNIKI, Monique. [A inclusão social da mulher transgênero nas olimpíadas e as consequências para o contexto feminino \(2022\).](#)

LEIZER, Victória. [Mulheres na gestão do esporte no Brasil: desigualdades de gênero enfrentadas e combatidas por um coletivo plural \(2023\).](#)

NASCIMENTO, Paulo Henrique do. [Mulheres no pódio: as histórias de vida das primeiras medalhistas olímpicas brasileiras \(2012\).](#)

#### 3.3.2 Documento proveniente de organismos nacionais e internacionais:

BRASIL. Senado Federal. [Comissão Parlamentar Mista de Inquérito: CPI da mulher \(1978, v. 2\).](#)

BRASIL. Senado Federal. [Mulheres no esporte: pesquisa sobre equidade de gênero \(2021\).](#)

ONU MULHERES BRASIL. [Igualdade e Inclusão da Mulher no Esporte: mapeamento das organizações esportivas nacionais e internacionais \(2022\).](#)

#### 3.3.3 Monografia:

DAVOLI, Ana Laura; DA SILVA, Tais Carolini Ribeiro. [Turismo de eventos esportivos como forma de inclusão da comunidade LGBTQIA+ \(2022\).](#)

GUIMARÃES, Júlia M. L.. [Skate para falar delas: os atravessamentos de gênero na recepção via Twitter da participação de Rayssa Leal nas Olimpíadas \(2023\).](#)

---

### 3.3.4 Livros:

BARREIRA, Cristiano R. A.; OLIVEIRA, Marcelo Alberto de; TELLES, Thabata C. B. [Mulheres brasileiras nos esportes de combate Olímpicos: uma discussão através das histórias de vida \(2021\)](#).

COSTA, D. Margaret; GUTHRIE, Sharon Ruth. [Women and sport: interdisciplinary perspectives \(1994\)](#).

DRINKWATER, Barbara L. [Women in Sport \(2000\)](#).

ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. Futbolera: a history of women and sports in Latin America (2019).

FIGUEIRA, Maria Luiza M.; ALMEIDA, Thais R. de. [Mulheres praticantes de skate e de rugby no Brasil: histórias a serem narradas \(2006\)](#).

HARGREAVES, Jennifer. Sporting females: Critical issues in the history and sociology of women's sport (2002).

TANON, Luciane Maria M. [Atletas Paralímpicas Brasileiras: esporte, ensaio e histórias \(2021\)](#).

### 3.3.5 Revista /Jornal/Anais:

#### 3.3.5.1 Diversos:

ALVES, Catarina Messias; SOUZA, Vania de Fátima M. de. [Da medalha ao pódio da vida: a construção da identidade e representatividade da mulher negra no esporte \(2024\)](#).

BARREIRA, Júlia. [Mulheres em cargos de liderança no esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto? \(2021\)](#).

FARIAS, Cláudia Maria de. [Os jogos femininos e a experiência liberal-democrática no Brasil \(1946-1964\) \(2011\)](#).

---

GOELLNER, Silvana V. [Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história \(2005\)](#).

LOPES, Larissa. [Mulheres passaram 40 anos proibidas por lei de jogar futebol no Brasil \(2019\)](#).

MELO, Victor Andrade de. [Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro \(até 1910\) \(2007\)](#).

SOARES, Carmen Lúcia. [As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo \(Brasil, 1920-1940\) \(2011\)](#).

WOOD, David. [The beautiful game? Hegemonic masculinity, women and football in Brazil and Argentina \(2018\)](#).

TRALCI FILHO, Marcio Antonio; RUBIO, Katia. [Between the confrontation and the concession: the identities of Brazilian Olympic female athletes \(2012\)](#).

#### 3.3.5.2 Esportes e educação física:

BATISTA, Guilherme B.; CAMARGO, Wagner X. de. [Regimes de controle no esporte: das mulheres aos corpos trans/intersexo \(2020\)](#).

BURTON, Laura J. [Underrepresentation of women in sport leadership: a review of research \(2015\)](#).

FERREIRA, Heidi J.; SALLES, José Geraldo C.; MOURÃO, Ludmila; MORENO, Andrea. [A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil \(2013\)](#).

FERREIRA, Heidi J.; SALLES, José Geraldo C.; MOURÃO, Ludmila. [Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil \(2015\)](#).

GOELLNER, Silvana V. [Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades \(2005\)](#).

KNIJNIK, Jorge. [Visions of gender justice: Untested feasibility on the football fields of Brazil \(2012\)](#).

KRAHENBÜHL, Tathiane; OLIVEIRA, Gabrielle; ALVES, Isabella; ALVES, Maria. [A carreira esportiva de mulheres paralímpicas: o caso da seleção brasileira de voleibol sentado \(2022\)](#).

---

MONTEIRO, Nathália da S.; NEPOMUCENO, Léo B. [Desigualdades de gênero no esporte: narrativas sobre o lugar da mulher no surfe](#) (2019).

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. [As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo](#) (2008).

MOURÃO, Ludmila. [Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização](#) (2000).

MOURÃO, Ludmila. [Transgêneros no Esporte: uma comparação entre Brasil e Canadá](#) (2019).

OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo; TUBINO, Manoel J. G. [A inserção histórica da mulher no esporte](#) (2008).

#### 3.3.5.3 Estudos sobre gênero:

ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina (2003).

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. [“Quando você é excluída, você faz o seu”](#): mulheres e skate no Brasil (2013).

MENDES, C. Mayara Maia; NUNES, Paula Chaves. [Descentramentos de gênero e sexualidade da mulher no esporte: debatendo com o cinema](#) (2014).

SILVA, André Luis dos S.; NAZÁRIO, Patrícia A. [Mulheres atletas de futsal: estratégias de resistência e permanência no esporte](#) (2018).

#### 3.3.6 Tese:

ALVES, Isabella dos S. [A trajetória de mulheres paralímpicas brasileiras a partir dos estudos feministas da deficiência](#) (2024).

FARIAS, Cláudia Maria de. [Sonhos, lutas e conquistas: projeção e emancipação social das mulheres brasileiras nos esportes 1932-1979](#) (2012).

---

NORONHA, Marcelo Pizarro. [Futebol é coisa de mulher! Um estudo etnográfico sobre o lugar feminino no futebol clubístico](#) (2010).

SCHIAVON, Laurita Marconi. [Ginástica Artística feminina e História Oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos \(1980-2004\)](#) (2009).



---

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Por meio da pesquisa e das leituras realizadas, que se consolidou no presente Guia, pudemos compreender o árduo percurso das mulheres brasileiras no exercício de sua cidadania em realizar e competir em diferentes modalidades esportivas, atravessando períodos de proibição de tais práticas.

A exemplo da experiência do futebol feminino houve um período que cabia às mulheres a prática circense de tal atividade, o que pode ser conhecido em propagandas de tais atividades que foram publicados em periódicos sobretudo nas épocas de 1920 a 1930, a exemplo do anúncio do Circo Irmãos Queirolo que trazia entre outras atrações a seguinte: “Para hoje está marcado um novo encontro de futebol Feminino representado as cores dos queridos quadros: Brasil F. C. X Atlas Flamengo” ([Praça dos Santos \(SP\), 17 jun. 1929, p. 6](#)).

Enquanto que em competições esportivas de futebol entre mulheres eram abolidas por força policial, inclusive em época anterior às leis que assim o fizeram por quatro décadas. A exemplo deste tipo de repressão social noticiada no jornal A Batalha em que o jogo feminino foi impedido por uma portaria do segundo delegado auxiliar da Polícia Civil da cidade do Rio de Janeiro, a fim de que depreende-se que “o futebol feminino venha novamente a continuar o surto progressista”. A notícia também ressalta que o “futebol feminino, ora praticado nesta capital, onde já alcançou rápido desenvolvimento, tem merecido nestes últimos dias, a atenção das nossas autoridades, encarregadas de salvaguardar os interesses públicos” ([23 jun. 1940, p. 6](#)).

Se no esporte mais democrático e corrente no país hoje, as mulheres encontraram dificuldades em sua prática, imagina-se que as demais modalidades possam ter suas histórias ainda menos desenvolvidas. Assim, neste contexto, a busca destes relatos em meio a práticas proibitivas do livre exercício da cidadania pelas mulheres ao longo da história dos esportes no país se torna cada vez mais relevante e necessária. Daí, a consolidação de um Guia que traz pelo menos um extrato demonstrativo deste universos, bem como da diversidade que o tema de interesse é explorado cientificamente.

**REFERÊNCIAS:**

- A BATALHA. Rio de Janeiro, 23 jun. 1940, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/175102/19153>. Acesso em: 19 mar. 2024.
- ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000200006>. Acesso em: 13 ago. 2024.
- ALVES, Catarina Messias; SOUZA, Vania de Fátima Matias de. Da medalha ao pódio da vida: a construção da identidade e representatividade da mulher negra no esporte. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 212-227. 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/73817>. Acesso em: 13 ago. 2024.
- ALVES, Isabella dos S. **A trajetória de mulheres paralímpicas brasileiras a partir dos estudos feministas da deficiência**. 2024. 203 p. Orientadora: Maria Luíza Tanure Alves. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1376334>. Acesso em: 13 ago 2024.
- BARREIRA, Cristiano Roque Antunes; OLIVEIRA, Marcelo Alberto de; TELLES, Thabata Castelo Branco. Mulheres brasileiras nos esportes de combate Olímpicos: uma discussão através das histórias de vida. In: RUBIO, Katia (Org.). **Mulheres e esporte no Brasil: muitos papéis, uma única luta**. São Paulo. Laços. 2021. 256 p. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/463f92a9-f210-48e8-a792-e9a52a842ebe/resenha%20Mulheres%20e%20esport...> Acesso em: 31 jul. 2024.
- BARREIRA, Júlia. Mulheres em cargos de liderança no esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto? **Movimento**, v. 27, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.118131>. Acesso em: 21 jun 2024.
- BATISTA, Guilherme Borges; CAMARGO, Wagner Xavier de. Regimes de controle no esporte: das mulheres aos corpos trans/intersexo. **Recordes: revista de história do esporte**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 01-27, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Recordes/article/view/39631>. Acesso em: 13 ago. 2024.
- BRASIL. **Decreto-Lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941**, que Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm). Acesso em: 19 mar. 2024.
- BRASIL. Senado Federal. **Comissão Parlamentar Mista de Inquérito: CPI da mulher**. Requerimento nº 15/76. Brasília, 1978. 2 v. 1282 p. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/84968>. Acesso em: 13 ago. 2024.
- BRASIL. Senado Federal. Mulheres no esporte: pesquisa sobre equidade de gênero. **Relatório Instituto DataSenado**, ago., 2021. 22 p. Disponível em:

---

<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/mulheres-no-esporte-pesquisa-sobre-equidade-de-genero>. Acesso em: 2 ago. 2024.

BURTON, Laura J. Underrepresentation of women in sport leadership: a review of research. **Sport Management Review**, v. 18, n. 2, p. 155-165, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1441352314000175>. Acesso em: 02 jul. 2024.

COSTA, D. Margaret; GUTHRIE, Sharon Ruth. **Women and sport: interdisciplinary perspectives**. Los Angeles, Califórnia, EUA: Human Kinetics, 1994. Disponível em <https://archive.org/details/womensportinterd0000unse>. Acesso em 03 jul 2024.

DAVOLI, Ana Laura; DA SILVA, Tais Carolini Ribeiro. **Turismo de eventos esportivos como forma de inclusão da comunidade LGBTQIA+**. Orientador: Cesar Alves Ferragi. São Paulo. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/16518>. Acesso em: 13 jun. 2024.

DRINKWATER, Barbara L. Women in Sport. In: **Encyclopaedia of Sports Medicine Malden**. MA: Blackwell Science Ltd, 2000, v. 8. Disponível em: [https://stillmed.olympics.com/media/Document%20Library/OlympicOrg/IOC/Who-We-Are/Commissions/Medical-and-Scientific-Commission/Encyclopaedia/2000\\_Drinkwater.pdf](https://stillmed.olympics.com/media/Document%20Library/OlympicOrg/IOC/Who-We-Are/Commissions/Medical-and-Scientific-Commission/Encyclopaedia/2000_Drinkwater.pdf). Acesso em 04 jul 2024.

FARIAS, Cláudia Maria de. Os jogos femininos e a experiência liberal-democrática no Brasil (1946-1964). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, julho 2011. Disponível em: [https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1297793758\\_ARQUIVO\\_textoANPUHS\\_P2011.pdf](https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1297793758_ARQUIVO_textoANPUHS_P2011.pdf). Acesso em: 23 jun. 2024.

FARIAS, Cláudia Maria de. **Sonhos, lutas e conquistas: projeção e emancipação social das mulheres brasileiras nos esportes 1932-1979**. 2012. 246 p. Orientador: Rachel Soihet. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012. Disponível em: [https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese\\_2012\\_Claudia\\_Maria\\_Farias.pdf](https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese_2012_Claudia_Maria_Farias.pdf) Acesso em: 13 ago. 2024.

ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. **Futbolera: a history of women and sports in Latin America**. Austin: University of Texas Press, 2019.

FERREIRA, Heidi J.; SALLES, José Geraldo C.; MOURÃO, Ludmila; MORENO, Andrea. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento: revista de educação física da UFRGS**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 103-124, jul./set., 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.29087>. Acesso em: 13 ago. 2024.

FERREIRA, Heidi J.; SALLES, José Geraldo C.; MOURÃO, Ludmila. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. **Revista de Educação Física**, UEM, v. 26, n. 1, p. 21-29, 1º trim. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v26i1.22755>. Acesso em: 13 ago. 2024.

---

FIGUEIRA, Maria Luiza M.; ALMEIDA, Thais R. de. Mulheres praticantes de skate e de rugby no Brasil: histórias a serem narradas. In: GOELLNER, Silvana V.; JAEGER, Angelita Alice. **Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança**, Porto Alegre: UFRGS, 2006. p. 119-132. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213795/000628778.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 de jul. 2024.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. “Quando você é excluída, você faz o seu”: mulheres e skate no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 41, p. 239-264, dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332013000200014>. Acesso em: 13 ago. 2024.

GOELLNER, Silvana V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./ jun. 2005. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/106>. Acesso em: 13 jun. 2024.

GOELLNER, Silvana V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>. Acesso em: 2 ago. 2024.

GUIMARÃES, Júlia M. L.. **Skate para falar delas: os atravessamentos de gênero na recepção via Twitter da participação de Rayssa Leal nas Olimpíadas**. 2023. 104 p. Orientadora Laura Hastenpflug Wottrich Cougo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/272464>. Acesso em: 13 ago. 2024.

HARGREAVES, Jennifer. **Sporting females: Critical issues in the history and sociology of women's sport**. Londres: Routledge, 2002.

KNIJNIK, Jorge. Visions of gender justice: Untested feasibility on the football fields of Brazil. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 37, n. 1, p. 8-30, 2012. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0193723512455924>. Acesso em: 14 out. 2024.

KRAHENBÜHL, Tathyane; OLIVEIRA, Gabrielle; ALVES, Isabella; ALVES, Maria. A carreira esportiva de mulheres paralímpicas: o caso da seleção brasileira de voleibol sentado. **Movimento**, [s. l.], v. 28, ed. 28071, p. 1/17, 18 dez. 2022. DOI <https://doi.org/10.22456/1982-8918.118748>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/LrQJSjYxqRdnb4CLwKCgrLf/#>. Acesso em: 8 jul. 2024.

KRUBNIKI, Monique. **A inclusão social da mulher transgênero nas olimpíadas e as consequências para o contexto feminino**. 2022. 106 p. Orientador: Miguel Archanjo de Freitas Junior. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2022. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UEPG\\_e0dadd0a914ef1e2249e868508521732](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UEPG_e0dadd0a914ef1e2249e868508521732). Acesso em: 13 ago.2024.

LEIZER, Victória. **Mulheres na gestão do esporte no Brasil: desigualdades de gênero enfrentadas e combatidas por um coletivo plural**. Orientador Mauro Myskiw. 2023. 143 p.

---

Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/259689>. Acesso em: 20 jun 2024.

LOPES, Larissa. Mulheres passaram 40 anos proibidas por lei de jogar futebol no Brasil. **Jornal da USP**, São Paulo, jun. 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/mulheres-passaram-40-anos-sem-poder-jogar-futebol-no-brasil/>. Acesso em: 2 ago. 2024.

MELO, Victor Andrade de. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 127-152, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/F3zwKPmc6SnDVzFqvTmq8hk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2024.

MENDES, C. Mayara Maia; NUNES, Paula Chaves. Descentramentos de gênero e sexualidade da mulher no esporte: debatendo com o cinema. In: **II Congreso Internacional de Comunicación y Género**. Libro de actas: 1, 2 y 3 de abril de 2014, Facultad de Comunicación. Universidad de Sevilla.= II International Conference Gender and Communication. Universidad de Sevilla, 2014. p. 16. Disponível em: <https://idus.us.es/handle/11441/36602>. Acesso em: 14 set. 2024.

MONTEIRO, Nathália da S.; NEPOMUCENO, Léo B. Desigualdades de gênero no esporte: narrativas sobre o lugar da mulher no surfe. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, Brasília, v. 9, n. 2, jul. 2019. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBPE/article/view/10175>. Acesso: 13 ago. 2024.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, [S. l.], v. 6, n. 13, p. 5-18, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/1177>. Acesso em: 24 abr. 2024.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Curitiba, v. 26, n. 2, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4013/401338509006.pdf>. Acesso em: 20 jun 2024.

MOURÃO, Ludmila. Transgêneros no Esporte: uma comparação entre Brasil e Canadá. In: **XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VIII CONICE - CONBRACE**. 2019. Disponível em: <https://cev.org.br/biblioteca/transgeneros-no-esporte-uma-comparacao-entre-brasil-e-canada/>. Acesso em: 20 jun 2024.

NASCIMENTO, Paulo Henrique do. **Mulheres no pódio**: as histórias de vida das primeiras medalhistas olímpicas brasileiras. 2012. 86 p. Orientador: Katia Rubio. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-12062012-144401/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

---

NORONHA, Marcelo Pizarro. **Futebol é coisa de mulher! Um estudo etnográfico sobre o lugar feminino no futebol clubístico**. 233 f. 2010. Orientador: Édison Luis Gastaldo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2113>. Acesso em: 13 ago. 2024.

OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo; TUBINO, Manoel J. G. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 16 , n. 2, p. 117-125, 2008. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/1133>. Acesso em: 2 ago. 2024.

ONU MULHERES BRASIL. Igualdade e Inclusão da Mulher no Esporte: mapeamento das organizações esportivas nacionais e internacionais. In: **1º Fórum da Mulher no Esporte**, 2022. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2022/08/MulheresnoEsporte-Digital.pdf>. Acesso em: 21 jun 2024.

PRAÇA DOS SANTOS. São Paulo. 17 jun. 1929, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/897329/12387>. Acesso em: 13 set. 2024.

SCHIAVON, Laurita Marconi. **Ginástica Artística feminina e História Oral**: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980-2004). Orientador: Roberto Rodrigues Paes. 2009. 357 p. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/439200>. Acesso em: 17 jul. 2024.

SILVA, André Luis dos S.; NAZÁRIO, Patrícia A. Mulheres atletas de futsal: estratégias de resistência e permanência no esporte. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1-15, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n140862>. Acesso em: 18 jun 2024.

SILVA, Giovana Capucim e. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista**: entre a proibição e a regulamentação (1941-1983). Orientador: Flávio de Campos. 2015. 144 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: [s.n.], 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.8.2015.tde-10092015-161946>. Acesso em: 19 mar. 2024.

SOARES, Carmen Lúcia. As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo (Brasil, 1920-1940). **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 3 (66), p. 81-96, set./dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072011000300007>. Acesso em: 13 ago. 2024.

WOOD, David. The beautiful game? Hegemonic masculinity, women and football in Brazil and Argentina. **Bulletin of Latin American Research**, v. 37, n. 5, p. 567-581, 2018. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdfdirect/10.1111/blar.12633>. Acesso em 8 set 2024.

TANON, Luciane Maria M. Atletas Paralímpicas Brasileiras: esporte, ensaio e histórias. In: RUBIO, Katia (Org.). **Mulheres e esporte no Brasil**: muitos papéis, uma única luta. São Paulo, SP: Laços, 2021. p. 89-100. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Katia-Rubio/publication/349849525\\_Mulheres\\_e\\_esp](https://www.researchgate.net/profile/Katia-Rubio/publication/349849525_Mulheres_e_esp)

---

[orte no Brasil muitos papeis uma unica luta/links/6043c56f92851c077f210c33/Mulheres-e-esporte-no-Brasil-muitos-papeis-uma-unica-luta.pdf](https://www.ijhssnet.com/view.php?u=https://www.ijhssnet.com/journals/Vol_2_No_20_Special_Issue_October_2012/5.pdf). Acesso em: 20 jul. 2024.

TRALCI FILHO, Marcio Antonio; RUBIO, Katia. Between the confrontation and the concession: the identities of Brazilian Olympic female athletes. **International Journal of Humanities and Social Science**, v. 2, n. 20, p. 44-51, 2012. Disponível em: [https://www.ijhssnet.com/view.php?u=https://www.ijhssnet.com/journals/Vol\\_2\\_No\\_20\\_Special\\_Issue\\_October\\_2012/5.pdf](https://www.ijhssnet.com/view.php?u=https://www.ijhssnet.com/journals/Vol_2_No_20_Special_Issue_October_2012/5.pdf). Acesso em: 08 set 2024.

TURRA, Cláudia de Campos Dias. Texto histórico, texto literário e as relações interdisciplinares. [s.l.]: FINAN [s.d.]. Disponível em: [https://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20170602121739.pdf](https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170602121739.pdf). Acesso em: 14 ago. 2024.



ÍNDICE:

ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina (2003)..... p. 11, 58, 62, 65.

ALVES, Catarina Messias; SOUZA, Vania de Fátima M. de. Da medalha ao pódio da vida: a construção da identidade e representatividade da mulher negra no esporte (2024)..... p. 12, 57, 61, 65.

ALVES, Isabella dos S. A trajetória de mulheres paralímpicas brasileiras a partir dos estudos feministas da deficiência (2024)..... p. 13, 58, 63, 65.

BARREIRA, Cristiano R. A.; OLIVEIRA, Marcelo Alberto de; TELLES, Thabata C. B. Mulheres brasileiras nos esportes de combate Olímpicos: uma discussão através das histórias de vida (2021)..... p. 14, 55, 60, 65.

BARREIRA, Júlia. Mulheres em cargos de liderança no esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto? (2021)..... p. 15, 55, 61, 65.

BATISTA, Guilherme B.; CAMARGO, Wagner X. de. Regimes de controle no esporte: das mulheres aos corpos trans/intersexo (2020)..... p. 16, 58, 61, 65.

BRASIL. Senado Federal. Comissão Parlamentar Mista de Inquérito: CPI da mulher (1978, v. 2)..... p. 17, 55, 59, 65.

BRASIL. Senado Federal. Mulheres no esporte: pesquisa sobre equidade de gênero (2021)..... p. 18, 55, 59, 65.

BURTON, Laura J. Underrepresentation of women in sport leadership: a review of research (2015).....p. 19, 56, 61, 66.

COSTA, D. Margaret; GUTHRIE, Sharon Ruth. Women and sport: interdisciplinary perspectives (1994)..... p. 20, 56, 60, 66.

DAVOLI, Ana Laura; DA SILVA, Tais Carolini Ribeiro. Turismo de eventos esportivos como forma de inclusão da comunidade LGBTQIA+ (2022)..... p. 21, 58, 60, 66.

DRINKWATER, Barbara L. Women in Sport (2000).....p. 22, 56, 60, 66.

FARIAS, Cláudia Maria de. Os jogos femininos e a experiência liberal-democrática no Brasil (1946-1964) (2011)..... p. 23, 56, 61, 66.

FARIAS, Cláudia Maria de. Sonhos, lutas e conquistas: projeção e emancipação social das mulheres brasileiras nos esportes 1932-1979 (2012)..... p. 24, 56, 63, 66.

ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. Futbolera: a history of women and sports in Latin America (2019)..... p. 25, 56, 60, 66.

FERREIRA, Heidi J.; SALLES, José Geraldo C.; MOURÃO, Ludmila; MORENO, Andrea. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil (2013).p. 26, 56, 62, 66.

FERREIRA, Heidi J.; SALLES, José Geraldo C.; MOURÃO, Ludmila. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil (2015).. p. 27, 56, 62, 66.



---

FIGUEIRA, Maria Luiza M.; ALMEIDA, Thais R. de. Mulheres praticantes de skate e de rugby no Brasil: histórias a serem narradas (2006)..... p. 27, 56, 60, 67.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. “Quando você é excluída, você faz o seu”: mulheres e skate no Brasil (2013)..... p. 28, 56, 62, 67.

GOELLNER, Silvana V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história (2005).....p. 29, 56, 61, 67.

GOELLNER, Silvana V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades (2005)..... p. 31, 56, 62, 67.

GUIMARÃES, Júlia M. L. Skate para falar delas: os atravessamentos de gênero na recepção via Twitter da participação de Rayssa Leal nas Olimpíadas (2023).... p. 31, 56, 60, 67.

HARGREAVES, Jennifer. Sporting females: Critical issues in the history and sociology of women's sport (2002)..... p. 34, 56, 60, 67.

KRAHENBÜHL, Tathiane; OLIVEIRA, Gabrielle; ALVES, Isabella; ALVES, Maria. A carreira esportiva de mulheres paralímpicas: o caso da seleção brasileira de voleibol sentado (2022)..... p. 34, 58, 62, 67.

KNIJNIK, Jorge. Visions of gender justice: Untested feasibility on the football fields of Brazil (2012).....p. 35, 57, 62, 67.

KRUBNIKI, Monique. A inclusão social da mulher transgênero nas olimpíadas e as consequências para o contexto feminino (2022)..... p. 36, 59, 67.

LEIZER, Victória. Mulheres na gestão do esporte no Brasil: desigualdades de gênero enfrentadas e combatidas por um coletivo plural (2023)..... p. 37, 57, 59, 67.

LOPES, Larissa. Mulheres passaram 40 anos proibidas por lei de jogar futebol no Brasil (2019)..... p. 38, 57, 61, 68.

MELO, Victor Andrade de. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910) (2007). p. 39, 57, 61, 68.

MENDES, C. Mayara Maia; NUNES, Paula Chaves. Descentramentos de gênero e sexualidade da mulher no esporte: debatendo com o cinema (2014). .p. 40, 58, 62, 68.

MONTEIRO, Nathália da S.; NEPOMUCENO, Léo B. Desigualdades de gênero no esporte: narrativas sobre o lugar da mulher no surfe (2019)..... p. 42, 42, 57, 62, 68.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização (2000).....p. 43, 57, 62, 68.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo (2008)..... p. 44, 57, 62, 68.

MOURÃO, Ludmila. Transgêneros no Esporte: uma comparação entre Brasil e Canadá (2019)..... p. 44, 59, 62, 68.

NASCIMENTO, Paulo Henrique do. Mulheres no pódio: as histórias de vida das primeiras medalhistas olímpicas brasileiras (2012).....p. 45, 57, 59, 68.

NORONHA, Marcelo Pizarro. Futebol é coisa de mulher! Um estudo etnográfico sobre o lugar feminino no futebol clubístico (2010)..... p. 46, 57, 63, 69.

OLIVEIRA, Gilberto; CHEREM, Eduardo; TUBINO, Manoel J. G. A inserção histórica da mulher no esporte (2008)..... p. 47, 57, 62, 69.

ONU MULHERES BRASIL. Igualdade e Inclusão da Mulher no Esporte: mapeamento

---

das organizações esportivas nacionais e internacionais (2022)..... p. 48, 57, 59, 69.

SCHIAVON, Laurita Marconi. Ginástica Artística feminina e História Oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980-2004) (2009)..... p. 50, 57, 63, 69.

SILVA, André Luis dos S.; NAZÁRIO, Patrícia A. Mulheres atletas de futsal: estratégias de resistência e permanência no esporte (2018)..... p. 51, 57, 63, 69.

SOARES, Carmen Lúcia. As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo (Brasil, 1920-1940) (2011)..... p. 52, 58, 61, 69.

WOOD, David. The beautiful game? Hegemonic masculinity, women and football in Brazil and Argentina (2018)..... p. 53, 56, 61, 69.

TANON, Luciane Maria M. Atletas Paralímpicas Brasileiras: esporte, ensaio e histórias (2021)..... p. 53, 58, 60, 69.

TRALCI FILHO, Marcio Antonio; RUBIO, Katia. Between the confrontation and the concession: the identities of Brazilian Olympic female athletes (2012)..... p. 54, 58, 61, 70.

### Realização:



**Audiodescrição da imagem:** Logotipo do Ministério da Educação em preto em conjunto com o logo do Governo Federal sob fundo branco. O primeiro, é a inscrição no seu nome por extenso. O segundo logo adjacente ao primeiro, é constituído pelas palavras centralizadas, "Governo Federal" em preto; "Brasil", estilizada, nas cores verde, amarelo, azul, vermelho e preto; "União e Reconstrução" em preto. **Fim da descrição.**



**Descrição da imagem:** Logo da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro em conjunto com o logo da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. O primeiro logo é representada por elementos centralizados em fundo branco constituído: pela letra "U" estilizada, e pelo losango, na parte superior da letra, na cor azul claro, com contorno duplo, em branco e azul escuro; seguida da sigla "Unirio" e nome por extenso em azul escuro. O segundo logo, adjacente ao primeiro está separado por uma barra oblíqua voltada para a direita em azul claro, é representado por sua sigla estilizada, formada pela palavra "Pro," alinhada na vertical, sob o fundo branco, e a palavra "exc", alinhada na horizontal, em branco sob o fundo azul escuro no formato de um quadrado; seguido do nome por extenso em branco sob o fundo em azul escuro no formato de um retângulo. **Fim da descrição.**



**Descrição da imagem:** Logo em azul claro sob o fundo branco representado por um círculo vazado, dividido por uma silhueta de rosto de lado que está inclinada para a direita, seguido pelo nome da instituição estilizado em preto: "INSTITUTO, REALIZANDO, O FUTURO". **Fim da descrição.**

